Ponte Benjamin Constant

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL — SECOM

CACHOEIRINHA

DEPOIMENTOS E COLABORAÇÃO DE:

Almino Botelho, Ana V. Cavalcante, Antídio Barros, Cleonice Lima, Elza de F. Bernardino, Franciso A. de Menezes, Francisco Bezerra, Henrique F. Alves, Hermelindo A. da Costa, José Carvalho, Padre José Luiz — OAR, Jari Botelho, Khaled Hauache, Lourival Barreto, Lúcia Baraúna, Marcelino Alcântara, Mária José Avelino, Nuno Cardoso, Orlandina R. de Faria, Rosa F. de Carvalho, Waldiza F. do Nascimento, Ulisses Paes de A. Filho, Zulmira A. Alves.

❋ Apoio do Centro de Documentação e Informática do ITERAM.

Textos, pesquisas
e
Programação Visual : Ângela Abreu
Clair Ferreira da Silva

Capa: Afrânio Ribeiro

Fotografias: Afrânio Ribeiro
Alfredo Fernandes

Normalização bibliográfica: Colaboração da Biblioteca Pública do Estado

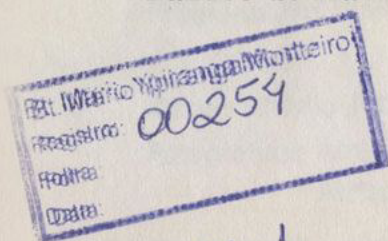
Governo Amazonino Mendes
Secretaria de Estado de Comunicação Social

SECOM/Coordenadoria de Relações Públicas

CACHOEIRINHA

MANAUS
1987

Série

Bairros de Manaus - 4

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Comunicação Social Coordenadoria de Relações Públicas. **Cachoeirinha**. Manaus, 1987 p. ilust. (Bairro de Manaus, 4)

1. Manaus-História 2. Bairros de Manaus-Cachoeirinha--História 3. Cachoeirinha (bairro) — História I. Título.

981.11

CDD

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Continuando a série "BAIRROS DE MANAUS", cuja finalidade maior é resgatar as memórias de cada bairro da cidade, a SECOM alcança nova vitória ao reunir dados sobre uma das mais antigas comunidades de Manaus: A Cachoeirinha que, estimula lembranças e nos faz reviver saudades.

Cachoeirinha ...bairro entrecortado por igarapés, ruas e avenidas amplas, vizinhança unida... Sua história compreende belas paisagens e significativos fatos e monumentos, como por exemplo o Velódromo, primeiro na América do Sul que como coqueluche da época exibia os mais diversos esportes, desde corridas de bicicletas à luta livre... Apresentações memoráveis...

Foi também na Cachoeirinha que surgiu a Foguetaria Iracema, pioneira no ramo e fértil em contos populares.

Noites de quermesse, tardes de verão com famílias inteiras passeando de bonde pelos lugares mais distantes...

Missa das 17 horas de domingo com moiçolas de saias engomadas olhando de soslaio uma outra mais exuberante. Que saudades...

Cachoeirinha de diversas fases e odores indecifráveis, pois ao entrar no bairro, pela Ponte Metálica, sente-se de imediato os cheiros característicos que a torna tão peculiar. Cheiro de madeira das serrarias situadas à margem dos igarapés. Cheiro de café torrado no início da tarde. Cheiro de frutas e peixes de seu mercado...

E os ruídos? Quem ainda não ouviu o apito das fábricas chamando seus funcionários para um novo dia de trabalho?

Tudo era belo e original. Hoje, as coisas estão diferentes. A capacidade de valorização do homem está se desgastando, às vezes usando o nome de progresso, da inovação para depredar e destruir.

Se Mestre Chico estivesse vivo sua dor seria infinita ao ver que o igarapé por quem tanto zelou está impregnado de poluição, tornando-o agora completamente lamacento e imprestável.

Talvez seja impossível reviver velhos costumes e tradições outrora tão famosos na Cachoeirinha. Mas, podemos suscitar lembranças e conservar o que ainda resta...

ANGELA ABREU

HISTÓRICO

Em 1892, no Governo do Eduardo Ribeiro, numa área de 1.574.448 metros quadrados, o engenheiro Antônio Joaquim de Oliveira Campos fez o plano para a edificação do bairro da Cachoeirinha, antes conhecida como Cachoeirinha de Manaus.

O bairro teve seu nome originado de um igarapé que na vazante formava forte corredeira, local de lazer e lavagem de roupa.

A água era límpida e transparente circundando toda a extensão da área com a denominação de Igarapé da Cachoeirinha ao Norte, Igarapé do Quarenta a Leste e Igarapé do Mestre Chico ao Sul.

Sua paisagem era um convite a aprazíveis passeios e como registra o Álbum do Amazonas em 1901, no Governo do Dr. Silvério Nery "Quando faz luar o passeio na Cachoeirinha é delicioso ... avistam-se no percurso trincheiras a pique, formando quase um túnel ao cabo do qual o horizonte se desdobra, oferecendo uma perspectiva enorme de florestas, campos cortados pelas fitas dos igarapés, os quais o reflexo da lua prateia e lá longe se espraiam em imóvel lençol d'água para tornarem-se mais distantes ainda a embrenhar-se no mato a perder de vista ..."

O bairro está situado ao leste da cidade de Manaus com área de 15.000 quilômetros quadrados arruada pelo engenheiro Manuel Uchôa Rodrigues, em 1892.

Abaixo, doumento sobre a inicial urbanização do bairro:

"De ordem do Sr. Governador do Estado faço público que não serão feita concessões de terras que ficam a Leste do Igarapé onde termina o perímetro urbano, no bairro da Cachoeirinha sem que essa área esteja convenientemente arruada. Serão punidos com as penas da Lei os que alli se estabelecerem além de ficarem sem direito de indemnização alguma pelo que fizerem.

Repartição de terra, 05 de março de 1894

O official
Satyro Marinho

Texto transcrito do Diário Oficial de quinta-feira, 05 de abril de 1894.

PRAÇAS E RUAS DA CACHOEIRINHA

Vista. Na Cachoeirinha. (Foto Arquivo)

PRAÇAS E RUAS DA CACHOEIRINHA

PRAÇA BENJAMIN CONSTANT

Localizada no fim da ponte metálica ou ponte Benjamin Constant, à margem do Igarapé do Mestre Chico. Sua primeira designação foi Praça Antimari, ocorrendo em 1891. A nomenclatura atual foi dada em 1896.

Sofreu melhoramento na gestão do Superintendente Municipal, Cel Domingos José de Andrade, como consta na Lei n.º 510 de 30 de maio de 1908.

Nesta praça estão localizados: a antiga Usina de Bondes, hoje subestação da Eletronorte; o mercadinho que foi a Escola de Aprendizes Artífices, é hoje o Mercado Walter Rayol.

PRAÇA FLORIANO PEIXOTO

Foi assim designada em homenagem a Floriano Peixoto quando da sua estada em Manaus, como alferes do 3.º Batalhão de Artilharia-a-Pé.

Limitava-se ao Norte com a Av. Santa Isabel, ao Sul com rua Ipixuna (ex-Av. Canutama), rua Borba a Leste e Av. Carvalho Leal (ex-Canaçari) a Oeste. Recebeu essa denominação através do decreto n.º 1 de 20/02/1894, de autoria do Superintendente Municipal Eng.º Dr. Manuel Uchôa Rodrigues.

Em 1928, o governador Ephigênio Sales instalou nas proximidades desta praça, em terreno próprio adquirido pelo mesmo governo, a estação da **Broadcasting** (emissora de rádio), a primeira existente no Amazonas. Tempos mais tarde a Praça, onde um dia cogitou-se erguer a estátua de Floriano Peixoto, foi cedida ao Exército pelo Interventor Federal no Estado Dr. Álvaro Botelho Maia, a fim de no local serem construídos um Hospital e uma Vila Militar

PRAÇA GENERAL CARNEIRO

Era conhecida popularmente como praça do Ypiranga, local onde hoje está situado o Palácio Rodoviário. Nesta praça, que na verdade era um espaço a esmo e destituído de qualquer vegetação, realizavam-se peladas, torneios e no período junino exibição de danças folclóricas, boi-bumbás, arraiais etc.

Com o passar dos tempos, o local foi doado ao Nacional Fast Clube, para treinos do seu time de futebol, que nada fez. A área voltou ao Município, que a transferiu para o Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas — DER-Am, de acordo com a Lei n.º 845 de 11 de dezembro de 1964.

Resultado da permuta de um débito com a Prefeitura Municipal de Manaus, no valor de 119 milhões, 699 mil cruzeiros e 30 centavos, o DER-Am construiu o edifício Engenheiro Edmundo Régis Bittencourt, mais conhecido como Palácio Rodoviário.

Na extensa área que hoje pertence ao DER-Am era o campo do Ypiranga Futebol Clube cuja sede ficava nas imediações.

RUAS DA CACHOEIRINHA

Norte-Sul n.º 1 — Começava e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus (Igarapé do 40), seguindo em direção norte depois de fazer uma curva para leste. Esta rua foi aberta em 1891/92. Ex-Av. Norte e hoje Av. Maués.

Norte-Sul n.º 2 — Aberta em 1891/92, começava no Igarapé da Cachoeirinha e terminava no Boulevard Amazonas. Atual rua Urucará.

Norte-Sul n.º 3 — Começava no Igarapé da Cachoeirinha e terminava no Boulevard Amazonas. Aberta em 1891/92, hoje, chamada rua Borba.

Norte-Sul n.º 4 — Esta rua começava no Igarapé da Cachoeirinha e terminava no Boulevard Amazonas. Aberta em 1891/92. Ex-Canaçari, atual Av. Carvalho Leal.

Norte-Sul n.º 5 — Aberta em 1891/92, esta rua começava no Igarapé da Cachoeirinha e terminava no Boulevard Amazonas. Ex-Av. Waupés. Atual Av. Castelo Branco.

Norte-Sul n.º 6 — Começava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus e terminava nas imediações do Boulevard Amazonas. Projetada e arruada em 1891/92 quando se pensava aterrar o igarapé que separa a cidade do bairro da Cachoeirinha. Ex-Av. Eduardo Ribeiro. Atual rua General Glicério, foi a primeira avenida que recebeu o nome do governador Eduardo Ribeiro (1892/1896). Ela acompanha o curso do igarapé conhecido por Mestre Chico ou da 3ª ponte. Sua denominação já era conhecida em 1892, mas, a nomenclatura oficial foi dada pelo decreto n.º 1 de 20/02/1894, de autoria do Superintendente Municipal, Eng.º Manuel Uchôa Rodrigues.

Leste-Oeste n.º 1 — Aberta em 1891/92, começava no Igarapé da Av. Eduardo Ribeiro, hoje Mestre Chico, e terminava no Igrapé da Cachoeirinha de Manaus.

Esta rua recebeu a denominação de Av. Antimari, através do decreto n.º 1 de 20/02/1894, de autoria do Superintendente Municipal, Eng.º Manuel Uchôa Rodrigues. Conserva até hoje essa nomenclatura.

Leste-Oeste n.º 2 — Começava no Igarapé de Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Aberta em 1892/93. Atual Av. Humaitá.

Leste-Oeste n.º 3 — Esta rua, aberta em 1891/92 começava no Igarapé de Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Hoje é Av. Ajuricaba.

Leste-Oeste n.º 4 — Aberta em 1891/92. Começava no Igarapé do Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Ex-Av. Canutama e atual Av. Ipixuna.

Leste-Oeste n.º 5 — Começava no Igarapé do Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Aberta em 1891/92, ex-Uchôa Rodrigues. Atualmente tem a denominação de Av. Santa Isabel.

Leste-Oeste n.º 6 — Essa rua aberta em 1891/92 começava no Igarapé do Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Ex-Av. Silves, hoje Av. Costa e Silva.

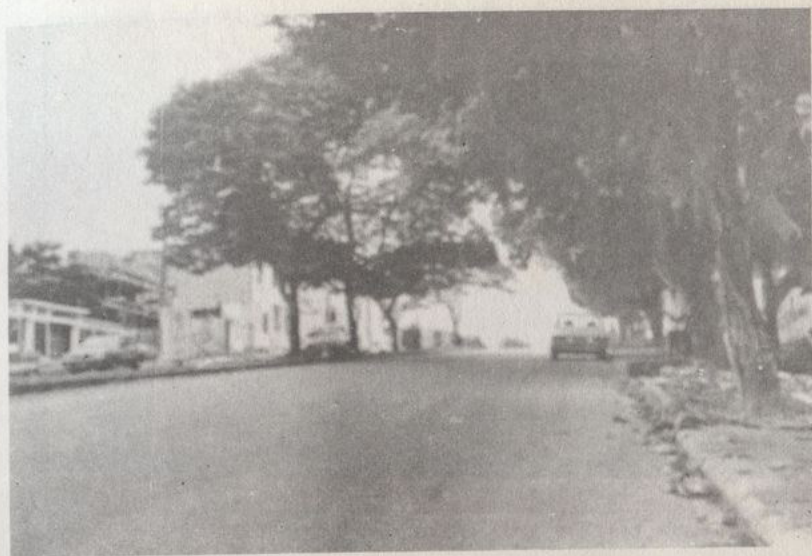
Leste-Oeste n.º 7 — Atual Av. Manicoré. Aberta em 1891/92 começava no Igarapé do Mestre Chico, terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus.

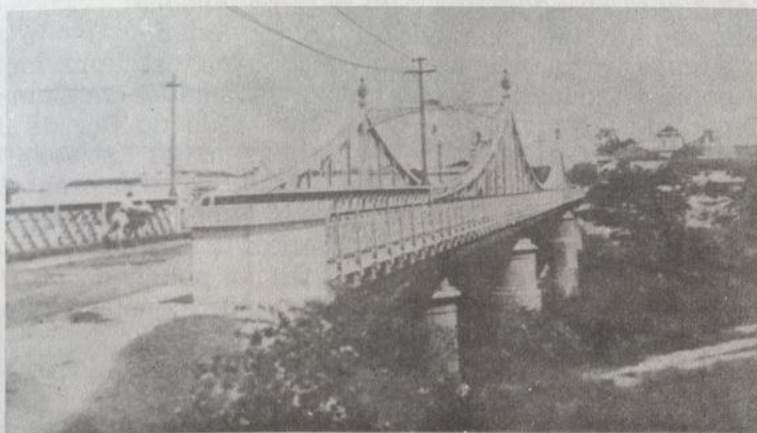
Leste-Oeste n.º 8 — Aberta em 1891. Atual Av. Itacoatiara, começava no Igarapé do Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus.

Leste-Oeste n.º 9 — Começava na Av. Eduardo Ribeiro (hoje General Glicério) e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Aberta em 1891/92; atual Av. Tefé.

Leste-Oeste n.º 10 — Aberta em 1891/92, ex-rua Parintins. Começava no Igarapé de Eduardo Ribeiro (atual Mestre Chico) e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Atual Gal José Clarindo.

Leste-Oeste n.º 11 — Oficialmente consta o nome de rua J. Carlos Antony. Aberta em 1891/92, começava no Igarapé do Mestre Chico, terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus. Ex-Av. Coari.

Leste-Oeste n.º 12 — Aberta nos anos de 1891/92. Atual Av. Codajás. Começava no Igarapé do Mestre Chico e terminava no Igarapé da Cachoeirinha de Manaus.

Rua Carvalho Leal

Rua Borba

Ponte da Cachoeirinha (Fonto Arquivo)

PONTE METÁLICA "BENJAMIN CONTANT"

Essa ponte, toda importada da Inglaterra foi construída no período de 1892/1895, no governo de Eduardo Ribeiro, pelo Engenheiro Frank Hirst Hebblethwait. É uma das mais ricas unidades do patrimônio do Estado. Situa-se à Av. Sete de Setembro ligando a cidade ao bairro da Cachoeirinha.

"É uma imponente armação de vigamento de aço que une as margens do Igarapé da Cachoeirinha, não tendo embora a desmedida extensão da ponte suspensa de Brooklyn da Inglaterra é um conjunto de flexibilidade e de força admiráveis, perpetuando a genialidade construtiva do governo Eduardo Ribeiro."

Das pontes metálicas que ligam os diversos bairros da cidade é a maior e a mais imponente. Em 1938 foi completamente reconstruída pelo Interventor Álvaro Maia, que dispendeu cerca de 700 contos para esse trabalho.

Contam filhos de antigos moradores que a primeira ponte da Cachoeirinha foi construída em madeira e a denominaram "Itacoatiara". Depois de feita uma reforma foram construídos pilares de alvenaria, em substituição aos de madeira. Tempos mais tarde, com as vigas metálicas importadas da Inglaterra, a ponte de aço e ferro sobre o Igarapé da Cachoeirinha estava completamente montada, faltando apenas o calçamento que ficou pronto logo depois, ou seja, em 1895.

Essa ponte tinha várias denominações: Era conhecida como Terceira Ponte, Ponte Metálica, Ponte da Cachoeirinha e Ponte Benjamin Constant, sendo esta última a nomenclatura oficial.

Com o passar dos anos e em decorrência do desgaste provocado pela inospitez do clima, fez-se necessário mais uma

reforma pois o material nela contido não oferecia mais segurança nem para os pedestres nem para os veículos.

No ano de 1967, na gestão do Governador Danilo de Mattos Areosa, o serviço de recuperação da estrutura metálica da ponte foi iniciado, sob as responsabilidades da Companhia Siderúrgica Nacional — CSN, com sede no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, e Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas — DER-Am. Eram os diretores das respectivas unidades o General Alfredo Américo da Silva e Coronel Mauro Bolívar de Moura Carijó.

O contrato firmado entre as partes foi publicado no Diário Oficial de 16 de setembro de 1967 onde constava que a CSN ficaria com o encargo de desmontar, recuperar, substituir e montar peças da estrutura, além de limpar, pintar, fornecer mão-de-obra e equipamentos.

Ao DER-Am caberia a obrigação de fornecer junto a obra escritório de campo e barracas para depósito de ferramentas, oficinas e instalações sanitárias, luz, força e água para abastecer os serviços, compressores e guindastes, topografia do local, retirada do capeamento asfáltico e laje, como também recuperar os encontros de concreto armado, as cabeças dos pilares, concretagem de chumbadores e enchimento de grouts.

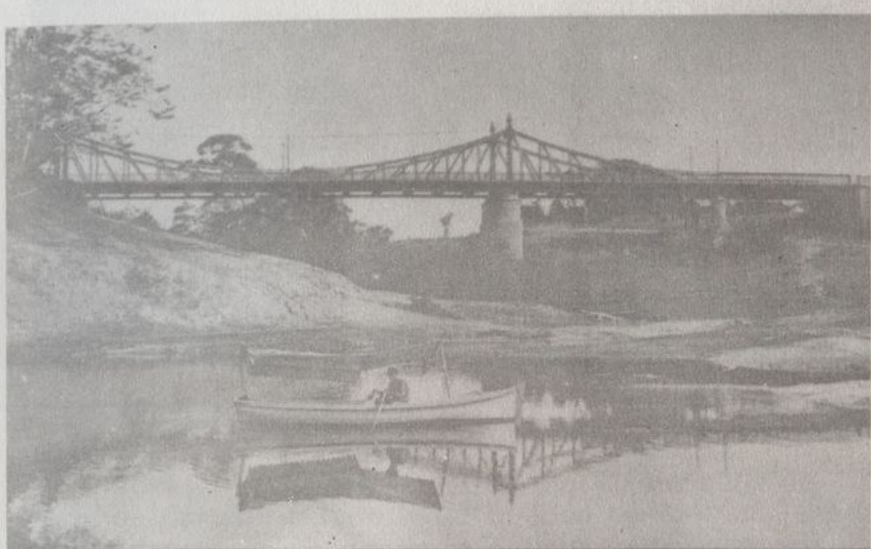
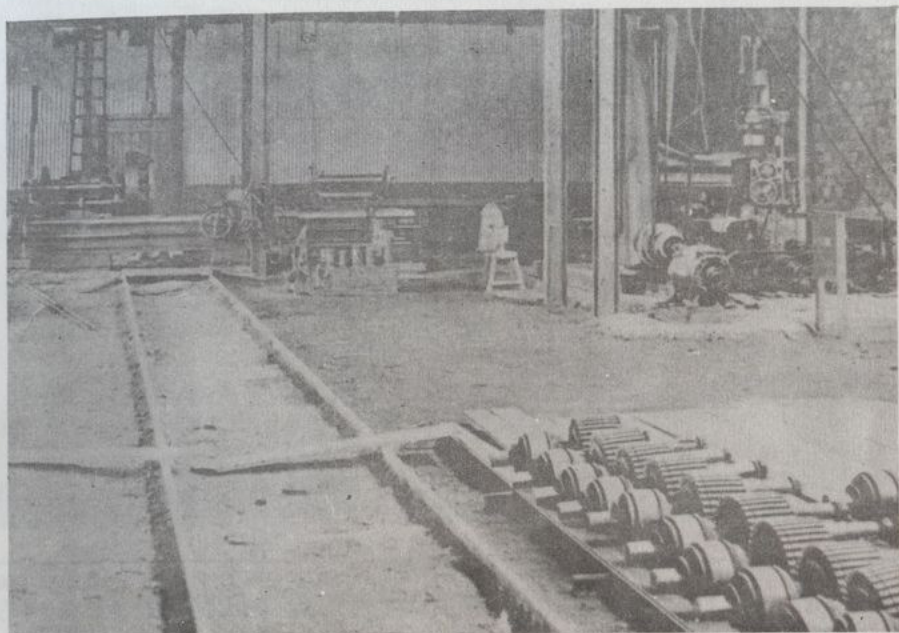
Sua conclusão ocorreu no ano de 1969, com um custo total de 600 mil cruzeiros novos, na época.

Abaixo, documentos sobre a Ponte Metálica

> Officio ao governador do Estado enviando a cópia do contracto da montagem da ponte de aço e ferro sobre o igarapé da Cachoeirinha. Ao mesmo remettendo a folha de pagamento, referente ao mês findo (160$000)
>
> Diário Oficial de 10.04.1894

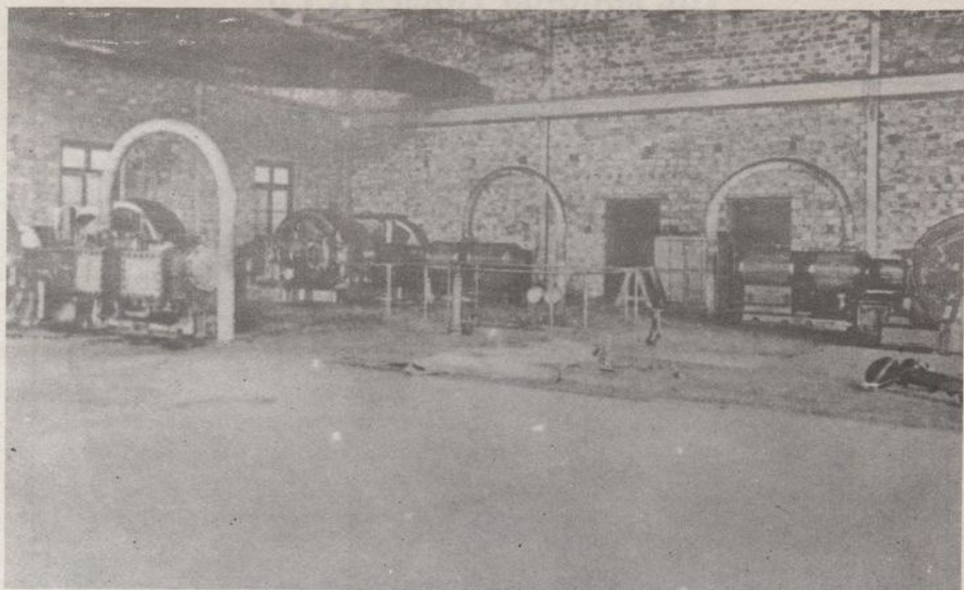
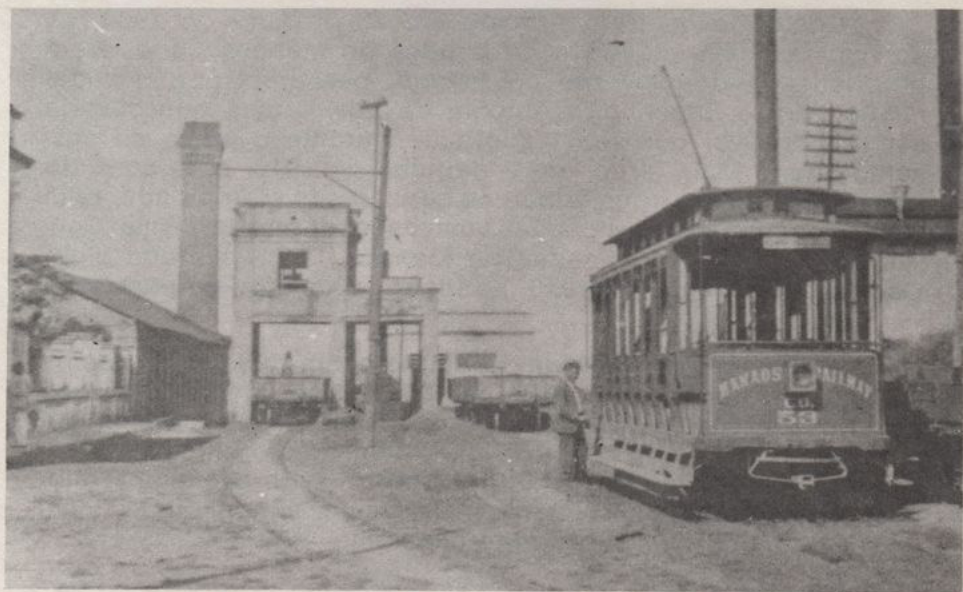
> Sessão de 14.04.1894
>
> Presidência do Sr. Dr. Deusdedit da Silva Ferraz.
>
> Officio do Sr. Dr. Governador do Estado de 14 do corrente, mandando pagar pela verba Exercícios Findos, ao Engenheiro Frank Hirst Hebblethwait, a terça parte da segunda prestação da importância correspondente ao transporte de uma ponte contractada em setembro de 1892, para o igarapé da Cachoeirinha. Reconhece-se a dívida na importância de £ 408,6.8.
>
> Pague-se de acordo com esta autorisação.
>
> Diário Oficial de 10.04.1894

Para mandar pagar ao engenheiro Hebblethwait a quantia de £ 2225, visto estarem assentados os cilindros da ponte de ferro da Cachoeirinha.

Diário Oficial de 11.07.1894

Ponte metálica na Cachoeirinha (Foto Arquivo)

Interior de uma parte da Uzina electrica (Fonto Arquivo)

Conforme contrato firmado em 27 de abril de 1908, os serviços de eletricidade e de bondes de Manaus, que eram propriedades do Governo do Estado, passaram por arrendamento para o Engenheiro Antonio de Lavandeyra que deveria ser responsável por sua exploração durante o prazo de sessenta anos. Mais tarde, em 9 de julho de 1918, esse contrato sofreu alterações, transferindo os serviços de eletricidade, com vistas à iluminação da capital amazonense, para a Usina Central de Manaus denominada The Manaos Tramways and Light Co. Ltd., construída em 1910, no Plano Inclinado — Aparecida.

A The Manaos Tramways ficou também responsável pelos serviços de bondes em nossa capital. E para melhor servir os usuários desse meio de transporte, construiu uma oficina na entrada do bairro da Cachoeirinha, num prédio situado na antiga Praça Benjamin Constant, servindo de garagem dos bondes, laboratório de carpintaria e mecânica, almoxarifado, além da manutenção dos carros da companhia.

A fim de melhor atender os transportes de sua propriedade, a empresa dispunha de duas locomotivas: uma, toda de ferro, com o propósito de consertar os veículos que apresen-

Instalações da traccão electrica (Foto Arquivo)

Um dos Bondes que trafegavam na época (Foto Arquivo)

tassem problemas em algum percurso como descarrilhamento, acidentes, etc., e outra para reparação do "TROLE", o fio de alta tensão que fornecia energia elétrica aos bondes. Esta última era um carro-oficina chamado "Gaiola" pelo formato que apresentava.

Com o crescimento da população fez-se necessário aumentar o sistema elétrico da cidade e criar uma distribuidora de energia que auxiliasse a Usina Central. E em 1939 foi inaugurada na Praça Benjamin Constant a Subusina. E em anexo ao galpão principal onde funcionavam as oficinas, a garagem e o almoxarifado construiu-se uma pequena cobertura para abrigar as máquinas de força objetivando gerar energia.

A situação, contudo, continuou agravando-se tanto nos serviços de iluminação pública como na parte dos bondes que já não atendiam os reclamos da população. O problema consistia no sistema elétrico adotado em Manaus que era de corrente contínua, quando já se usava em várias partes do mundo a corrente alternada.

Procurando solucionar a questão, o Governo do Estado extinguiu o contrato de arrendamento conforme Decreto n.º 86, de 11 de fevereiro de 1950, encampando a The Manaos Tramways and Light Co. Ltd. Era governador do Amazonas o Dr. Leopoldo Neves.

O processo de desativação foi rumoroso e muito polêmico. Extinta a The Manaos Tramways criou-se os Serviços Elétricos de Manaus, e como a cidade continuava a sofrer carência de energia elétrica os bondes acabaram deixando de circular. Em 1955, o então governador Plínio Coelho ainda tentou fazer voltar os veículos. Recuperou alguns e fez uma grande festa com um bonde trafegando pela cidade, tendo como motorista ele próprio.

A tentativa não logrou êxito devido ao colapso da energia elétrica e a não resistência dos carros quanto ao limite de suporte, uma vez que a demanda populacional extrapolava a tonelagem que os mesmos comportava. Daí surgiu a impossibilidade de tráfego dos bondes, que vieram a desaparecer definitivamente. Mais tarde esses transportes foram vendidos como ferro velho.

Na década de 50 Manaus foi asfaltada e o asfalto cobriu para sempre grande parte dos trilhos.

ROTEIROS DOS BONDES

LINHA DO POBRE DIABO

— Praça XV de Novembro, Sete de Setembro, Ponte Metálica, Waupés (Castelo Branco), Curva da Morte, Ipixuna e Borba até a rua Santa Isabel. O percurso de volta era feito pelas mesmas ruas.

PARADA FELINTRO

— Cachoeirinha, Sete de Setembro
— Praça XV de Novembro, Sete de Setembro, Ponte Metálica, Castelo Branco, Curva da Morte, Ipixuna, Borba, Manicoré, Carvalho Leal (Casa Amarela); voltava fazendo o mesmo percurso.

CIRCULAR CACHOEIRINHA

— Praça XV de Novembro, Sete de Setembro, Ponte Metálica, Castelo Branco, Curva da Morte, Ipixuna, Borba, Manicoré, Carvalho Leal, Belém, Praça Chile (Cemitério), Belém (em frente ao Parque Amazonense), Boulevard Amazonas, Silva Ramos, Epaminondas, Instalacão e Praça XV de Novembro.

PARADA CAMPELO

— Praça XV de Novembro, Sete de Setembro, Waupés até a Casa Campelo fazendo o mesmo percurso na volta.

OBS.: Os bondes diferiam apenas no tamanho: pequeno, de uma lança; médio, de uma lança, conhecido como "Carro São Luiz" e grande, de duas lanças. Havia também o reboque, um carro semelhante aos outros, preso por um engate e somente usado nas horas de grande movimento e aos domingos com roteiro aos campos de futebol como Parque Amazonense ou Campo do Luso Sporting Club.

Nas vésperas de Natal, Ano Novo e São João, os bondes trafegavam durante toda a noite.

Rua Municipal e Ponte metálica (Foto Arquivo)

MERCADINHO DA CACHOEIRINHA

Em 1914 foi inaugurado na Praça Benjamin Constant — Cachoeirinha, um grande barracão de madeira objetivando servir de Feira. Era Superintendente Municipal na época o Dr. Dorval Pires Porto, tendo como secretário da Superintendência o Coronel José Tapajós.

A Feira Municipal tornou-se conhecida como Mercadinho da Cachoeirinha, sofrendo sua primeira restauração em 1926, na administração do Dr. Ephigênio Ferreira Salles, quando adaptada para nela funcionar o Grupo Escolar "Guerreiro Antony", em homenagem ao Coronel Antonio Guerreiro Antony. Em 1827 foi instalado no local a Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas sob a direção do Dr. Saturnino Santa Cruz Oliveira. Essa Escola funcionava com os cursos primários e de Desenho e as oficinas de alfaiataria, marcenaria, tipografia, sapataria, mecânica e ferreiro.

Com a construção de um prédio na Praça Barão do Rio Branco, em 1942, a Escola de Aprendizes Artífices mudou-se para as novas instalações, passando a chamar-se Liceu Industrial de Manaus e, consequentemente, Escola Técnica do Amazonas.

Em 1965, com a desapropriação do prédio, fez-se necessário uma nova construção, uma vez que o tempo desgastou sua antiga estrutura, que era de madeira. Um novo mercado foi construído desta vez denominado "Mercado Walter Rayol" que atende atualmente 214 feirantes e um número de 91 bancas e box. Possui vários pavilhões assim especificados: do peixe, das estivas, da carne, das frutas e generalidades.

Antes de passar à jurisdição da Prefeitura, o antigo barracão abrigou ainda o Círculo Operário de Manaus.

ITINERÁRIO DOS BONDES PARA A FEIRA

O itinerário dos bondes em 1914 com destino a Feira Municipal da Cachoeirinha era o seguinte:

Os que partiam do Alto de Nazareth percorriam a rua Silvério Nery até a rua Principal, onde manobravam, tomando o desvio e seguindo para a Feira. Os carros que partiam da estação central seguiam, uns, pela rua Principal, até o ponto de seu destino, e outros pela linha dos Remédios, dobrando pela Municipal e dirigindo-se para a Feira.

Na volta faziam o percurso à que obedeciam na ida.

Sendo as passagens de ida, de duzentos réis, de qualquer ponto para a Feira, a volta custava apenas 100 réis para qualquer ponto também, devendo, os que tivessem feito compras, procurar os coupons de regresso, pelo preço de 100 réis, na administração do estabelecimento.

Horário dos bondes para a Feira

1. Bonde saindo da estação central para a Feira

6,1 6,49 7,37 8,25 9,43 10,49
6,13 7,1 7,49 8,37 9,25 10,43
6,25 7,43 8,1 8,49 9,37 10,25
6,37 7,25 8,43 9,1 9,49 10,37

2. Bonde saindo da Feira da Cachoeirinha para a estação

6,11 6,59 7,47 8,35 9,28 10,11 10,59
6,23 7,41 7,59 8,47 9,35 10,23
6,35 7,23 8,11 8,59 9,57 10,35
6,47 7,35 8,23 9,11 9,59 10,47

3. Bonde saindo da estação central pela rua dos Remédios (Quintella); para a Feira da Cachoeirinha

6,5 6,53 7,41 8,29 9,17 10,5 10,53
6,29 7,17 8,5 8,53 9,41 10,29

4. Bonde saindo da Feira da Cachoeirinha para a estação, via Av. Silvério Nery, rua dos Andradas:

6,17 7,5 7,53 8,41 9,29 10,17
6,41 7,20 8,17 9,5 9,53 10,41

5. Bonde saindo do Alto de Nazareth para a Feira da Cachoeirinha

6,47 7,5 7,53 8,41 9,29 10,17
6,41 7,29 8,17 9,5 9,53 10,41

6. Bonde saindo da Feira para o Alto de Nazareth

6,29 7,17 8,5 8,53 9,41 10,29
6,53 7,41 8,29 9,17 10,5

Pavilhão da venda de Carne e Peixe (antiga estrutura do Mercadinho da Cachoeirinha). (Foto Arquivo)

Atual prédio do Mercadinho "Walter Rayol"

ALGUMAS ESCOLAS DO BAIRRO

ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES

O Governo Federal, dando cumprimento ao Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909, criava uma Escola Profissional em cada Capital de Estado, inaugurando no dia 1.º de outubro de 1910 a Escola de Aprendizes Artífices do Amazonas.

Funcionou inicialmente em uma residência distante da cidade e em 1917, passou para o prédio da Penitenciária do Estado. Como o local era indevido à prática do ensino, foi transferido para o Mercadinho da Cachoeirinha.

A Escola de Aprendizes Artífices, contava com curso primário, desenho e oficinas de alfaiataria, marcenaria, tipografia, sapataria, mecânica e ferreiro.

Tinha uma média de 30 alunos em regime de semi-internato, obedecendo horário das 7 às 17 horas, todos, indistintamente, almoçavam na própria escola.

Permaneceu durante longos anos no local e seu mais destacado aluno foi o saudoso educador Prof. Pedro Silvestre da Silva.

Em 1942, na gestão do Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema, foi construído seu prédio próprio. O local foi a praça Barão do Rio Branco, quarteirão que compreende hoje, às ruas Duque de Caxias, Ajuricaba, Visconde de Porto Alegre e Av. Sete de Setembro.

A nova casa, teve o nome de Liceu Industrial de Manaus, depois Escola Técnica de Manaus e finalmente Escola Técnica Federal do Amazonas.

EUCLIDES DA CUNHA

O prédio onde hoje funciona o grupo escolar "Euclides da Cunha" — Cachoeirinha, foi construído em 1895, na gestão do governador Eduardo Gonçalves Ribeiro. Localiza-se na ex-Praça Floriano Peixoto, atual Carvalho Leal com Ipixuna.

Conforme documento inserido no Livro de Registro dos Bens Patrimoniais do Estado, em anexo, esse edifício destinava-se a funções escolares. No entanto, em virtude de grande incidência de impaludismo e outras endemias na área foi cedido ao Departamento de Saúde do Estado para nele funcionar o Posto de Profilaxia Rural, tendo como diretor o Dr. Araújo Lima.

Em 1927, o grupo escolar "Guerreiro Antony", que operava no Mercadinho da Cachoeirinha, passou suas atividades escolares para o prédio onde funcionava o referido Posto. Continuou com esse nome até 1931 quando o então Interventor Federal, Capitão Tenente Antonio Rogério Coimbra, mudou

sua denominação para Euclides da Cunha, permanecendo até hoje.

O prédio, com oito salas, conserva as mesmas linhas arquitetônicas de origem, embora tenha sofrido algumas reformas ao longo dos anos. Sua existência no bairro é um marco da contribuição inestimável do Pensador, e um valor incalculável para a cultura.

Escola Pública (Foto Arquivo)

Grupo Escolar Euclides da Cunha [illegible] 76

N.º 33. Predio [illegible] Praça "Floriano Peixoto".

Localisação. Praça Floriano Peixoto, canto da avenida [illegible].

Custo: 115:816$196. Valor actual: 110:000$000

Limites: Ao N. terras de Vicente Ant. da Encarnação Filho, ao S. a avenida "Canutama"; a L. a praça "Floriano Peixoto"; a O. terras do mesmo Encarnação Filho.

Caracteristicos. Predio de alvenaria de pedra e tijolo, com 2 salas, 2 [illegible] e installações sanitarias; dois portões de ferro aos lados

Dimensões: O terreno tem [illegible] e ao S. 29m,75; a L. e a O. 20 metros. O predio mede de frente 9m,30 e, de fundos, 22m,27. As dimensões dadas em uma planta existente no Archivo Publico são differentes dessas. Diz ella que o terreno tem 21 metros de frente e 29 de fundo.

Historico: O terreno em que foi erguido este predio foi comprado a Vicente Antonio da Encarnação e sua mulher, por escriptura lavrada a 9 de junho de 1894, no livro de notas do tabellião Manoel Lopes de Carvalho Chaves, n.º 29, ás fls. 23 verso, pela importancia de 2:500$000.

Este edificio foi construido em 1895, na administração do Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro, sendo empreiteiro o sr. Alberto Grossi.

Estado de conservação. Bom.

Grupo Escolar Euclides da Cunha — Escritura (Foto Arquivo)

CARVALHO LEAL

O Grupo Escolar "Carvalho Leal", foi criado pelo Decreto n.º 74, de 27 de dezembro de 1926, por ocasião do Governo do Dr. Ephigênio Ferreira de Salles.

Sua inauguração deu-se a 1.º de janeiro de 1927 quando recebeu a denominação de "Carvalho Leal" em homenagem ao velho republicano ao qual o Amazonas dev'a assinalados serviços. Estiveram presentes ao evento os Srs. Ephigênio Ferreira de Salles, Governador do Estado, Antonio Monteiro de Spuza, presidente da Assembléia Legislativa, Manoel Osório Sá Antunes, Raymundo Gomes Nogueira, chefe de Polícia, José Francisco Araújo Lima, Prefeito Municipal da capital, Cel. Agnello Bittencourt, diretor geral da Instituição Pública.

Este primeiro préd'o funcionava na rua Codajás e somente em 1948 teve início a construção de um outro sito à rua Borba com inauguração ocorrida no dia 5 de novembro de 1949, no governo do Dr. Leopoldo da Silva Neves.

Do trabalho abnegado de seu corpo funcional, duas mestras deixaram para a história seus nomes marcados: Profªs Isabel Costa Pimenta e sua filha Zuleide Pimenta, 1ª e 2ª diretoras deste estabelecimento que ainda em suas funções foram agraciadas por autoridades da época com a medalha "Mérito Educacional".

Profª Zuleide teve 41 anos de atividades no Carvalho Leal e sua passagem representa até hoje para a comunidade um exemplo de admirável dedicação.

Grupo Carvalho Leal

N.° 15. Chalet á Avenida "Codajás".

Localisação: Avenida "Codajás" (Cachoeirinha).

Custo: Nos "Tombos" anteriores figura este chalet por 80:000$000, valôr dado pelo Estado ao sobrado da rua "Henrique Martins", pelo qual o trocou; mas a verdade é que elle não vale 10:000$000.
Valor actual: 10:000$000.

Limites: Ao N. com terras dos herdeiros de Lourenço da Rocha Dom-pé; ao S. com a avenida "Codajás"; a L. e a O. com terras dos mesmos herdeiros.

Dimensões. O terreno adquirido com o chalet tinha 20 metros de frente por 50 de fundos; mas depois, o Estado adquiriu mais 2 terrenos aos lados do primeiro, cada um com cinco metros de frente e cincoenta de fundos.

Caracteristicos. Casa em forma de chalet, de tijolo e taboquinha, coberta de telhas de Marselha, com amplas accommodações.

Historico: Em 28 de Dezembro de 1904, foi dirigido ao Inspector do Thesouro o seguinte officio, sob o n.° 2: "Recommendo-vos providencias no sentido de ser lavrado no Contencioso dessa Repartição, termo de permuta do chalet sito á Avenida "Codajás", no bairro da Cachoeirinha, de propriedade do Desembargador José Alves de Assumpção Menezes, e o predio estadual n.° 70, sito á rua "Henrique Martins", devendo para isso ser declarado no referido termo, obrigando-se aquelle Sr. a entregar o chalet permutado no prazo de 30 dias, contados da respectiva assignatura, livre e desembaraçado de qualquer onus. Saúde-vos. (a) A. Constantino Nery". A escriptura de permuta foi lavrada em notas do tabellião Mr. Antonio Pessoa em 22 de Dezembro de 1904, e rectificada em notas do mesmo, de 6 de Fevereiro do anno seguinte, no livro n.° 200, fl. 20.

Os terrenos adquiridos depois, teem os seguintes limites: ao N. e a L. com os herdeiros de Lourenço da Rocha Dom-pé; a O. com o chalet descripto; ao S. com a avenida "Codajás"; isso quanto ao primeiro. Os do outro são: a O. com [illegible]

Grupo Escolar Carvalho Leal — Escritura (Foto Arquivo)

CURVA DA MORTE

Esquina das ruas Ipixuna e Castelo Branco (Curva da Morte)

O termo "Curva da Morte" data da época dos bondes elétricos de Manaus, quando estes percorriam na Cachoeirinha, um roteiro que correspondia obrigatoriamente várias ruas desse bairro.

Por ser uma curva extremamente fechada devido sua não pavimentação, deixava de oferecer aos motoristas uma boa visibilidade capaz de evitar qualquer tipo de acidente. Assim, pelo perigo que constantemente apresentava ganhou a denominação de Curva da Morte. Fica na esquina da Av. Waupés (Castelo Branco) e Ipixuna.

Dos vários acidentes lá acontecidos, um marcou profundamente aquela comunidade. O fato teve como protagonista o motorista de um abastado comerciante local, residente à rua da Instalação, de nome Abdon Azaro, proprietário da Drogaria Comercial, que possuía um carro inglês de marca Buick. Certa ocasião, este motorista, escapulindo à vigilância apossou-se do carro e saiu a passear pela tépida noite manauara, tomando rumo do bairro da Cachoeirinha em alta velocidade. Tal imprudência fez colidir o veículo com trilhos do bonde, matando o "Chauffeur" de maneira trágica, pois a porta do carro decepou-lhe a cabeça.

Outros desastres aconteceram no local, quando os ônibus tomaram o lugar dos bondes. Certa vez um cidadão de nome Carvalho foi colhido pelo ônibus Radiante ao caminhar desatenciosamente pelo meio-fio da rua. Outro, envolveu funcionários da Fábrica Fitejuta, que em um caminhão transportavam água em camburões para debelar um incêndio lá ocorrido. A velocidade empreendida pelo veículo culminou em capotamento, ferindo dez pessoas e causando uma morte.

Ao sabor dos tempos e por contingência da vida, essa curva foi causando acidentes e vítimas. Para seus moradores não existe nenhum estigmatismo ou fatalismo, mas a própria condição dessas ruas que faziam intensivo escoamento de trânsito para o resto do bairro uma vez que a Av. Waupés era toda entremeada de igarapés.

CÍRCULO OPERÁRIO

O Círculo Operário de Manaus foi fundado no ano de 1944, pelo Dr. André Vidal de Araújo, com objetivo de prestar pequenos auxílios à classe operária de Manaus, uma vez que ainda não existia a Previdência Social.

Com pequenas contribuições pagas mensalmente, o operário podia usufruir dos benefícios oferecidos pela Instituição como assistência médica, odontológica, funerária e inclusive lazer.

Teve seu início no Mercadinho da Cachoeirinha e só alguns anos depois é que foi construída sua sede na Av. Waupés (hoje Castelo Branco). Aos domingos o prédio era cedido aos Padres Agostinianos para celebração de missa, pois estes, na época, não dispunham de uma igreja maior que comportasse a população católica do bairro.

Ampliando sua atividade assistencial, no ano de 1949 foi criada a Creche Circulista Menino Jesus com sede na Av. Sete de Setembro, objetivando dar assistência às mães operárias da capital.

Com as dificuldades se intensificando, o Círculo Operário parou suas atividades, restando apenas a Creche, que salvo inúmeros problemas financeiros continua cumprindo seu papel filantrópico.

Apesar de desativado, o Círculo Operário suscita saudades pois tornou-se famoso no bairro pelo seu programa de lazer, no qual estava incluído a exibição de pastoral, com encenações de grande efeito e beleza.

Velodromo ALVARO MAIA

AVENIDA SANTA ISABEL — CACHOEIRINHA — MANAUS

(RECINTO DO PARQUE INFANTIL RIBEIRO JUNIOR)

Sexta-Feira — 5 de Setembro de 1947, ás 20 horas

Grandiosa noitada oficial Ciclista oferecida pelo Governo do Estado ao povo esportista Baré comemorando o 5.º dia da Semana da Patria

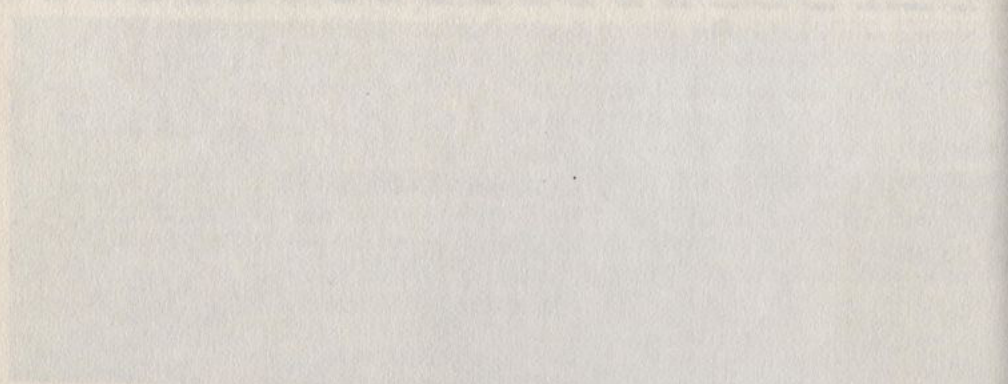
45 Cracks pedalistas estarão presentes ás sensacionais disputas da Serata Velocipedica

3.º aniversario da inauguração da popular Praça de Esportes

O Binomio "Colored" Peronio—Samba contra Joe
A grande Batalha de Fundo
STAYERS E SPRINTERS EM LINHA!

O sensacional encontro de Boxe entre o famoso PANTERA e o terrivel MARRETA

TODOS AO VELODROMO

2.ª CORRIDA DA EPOCA

JURY

Presidente — Dr. Amadeu Mello

Vice-Presidente — Jornalista E. Motta Rego

Secretario — Sr. Artur Pimentel Filho

Suplentes — Srs. Orlandino Bacelar e Roberto Daou.

Juiz de partida — Tenente Palma Lima

Juizes de chegada — Dr. Benedito de Carvalho e Salvio M. Correa.

Juiz de confirmação — C. F. Baumann

Juizes de pista — Dr. Aluisio Brasil, J. Marçal dos Anjos, Branco Silva, J. Seabra, Maurice Chenivesse, Charles Martelet, Tenente Dacio Silveira, Odri Correa e Albert Samuel.

Coordenadores — Licurgo Cavalcanti e Cicero Menezes.

Diretores de corrida — Dr. Ney Rayol, José Genings e Humberto Boggio.

Juizes de recepção — Dr. Jaques Souza Lima, Eduardo Costa Lima, Idelfonso Pinheiro.

Bureau de Imprensa—Jornalista Herculano Castro e Costa.

Juiz de voltas — Luiz Travassos

Cronografistas — Tenente Valdir Martins e Dr. Mario Ipiranga Monteiro.

Juiz junto aos menores — Dr. Arnoldo Carpinteiro Péres.

Juiz de premios — Sr. Volkmer Tabosa Renato Araujo

Pronto socorro — Srs. Raimundo Mendes e Altair Nunes.

Dep. Feminino - Cesinha Fernandes e Maria Meninéa.

Medicos—Drs. João Veiga, V. Palma Lima Adriano Jorge, Edson S. Affonso, Paulo Durant

Imprensa — Masueto Queiroz. Yvan Cintra, Jayme Carvalho e Manoel Otavio

Radio Propaganda—Wppsender Lima, Indio do Brasil, Josafá Pires e Belmiro Vianez.

Serviço de Radio interno - Oder Cabral Marques

Eletro operador Oswaldo Silva.

Diretor Geral—Deodoro d'Alcantara Freire

Direção Tecnica—Tenente Valdir Martins

NOTA — A arbitragem e controle do match de boxe estarão a cargo dos senhores—Professor Guilherme Nery e desportista Emiliano Marinho e «managers» os Srs. Ceta e Joe.

O Festival será presidido pela Federação de Desportos Atleticos na pessoa de seus dignos presidentes Dr. MENANDRO TAPAJÓS e OSCAR RAYOL

Disposições Importantes

1—A ultima volta de cada pareo será assinalada pelo toque da sineta.

2.º—Os corredores que tomam parte nas pugnas, devem permanecer sentados nos bancos da Arena Araujo Lima até serem chamados para os pareos em que vão correr, voltando depois para os seus lugares.

3.º—Só podem permanecer no recinto da arena membros do Juri, imprensa e autoridades.

4.º—É proibido atirar qualquer objeto para centro da raia sob pena de expulsão imediata.

5.º—Uma vez dado o sinal de partida nada mais determinará a invalidade da corrida a não ser em caso de acidente que impossibilite os preliadores a prosseguir a luta; isso mesmo tratando-se de uma pugna em que tomem parte somente dois corredores.

6.º—Todas as questões locais de menor importancia serão resolvidas pelo corpo do Juri, competindo a F. A. D. A. decidir em caso de maior vulto.

7.º—A disciplina interna deve ser o caracteristico dos frequentadores do V. A. M. como demonstração de educação esportiva e compreensão da verdadeira finalidade do esporte como elemento de equilibrio fisico intelectual.

ENTRADA GRATIS

PROGRAMA

1.º Pareo — Heroes da Independencia

3 Voltas Juniors — Premios Cr$25,00 e 15,00
1.º BUG-UG
2.º PALHETA
3.º MUXICA
4.º FLAMENGO

2.º Pareo — SEMANA DA PATRIA

2 Voltas Meninos -- Premios Cr$20,00 e 15,00
1.º RAPIDÓCA
2.º MUCUIM
3.º TICO-TICO
4.º RIO-MAR

3.º Pareo — JOSÉ BONIFACIO

3 Voltas Juniors — Premios Cr$25,00 e 15,00
1.º JARAQUI
2.º BESOURO
3.º PICOLÉ
4.º PIRANHA x

4.º Pareo — Paulo Bregaro

3 Voltas Juvenil Premios Cr$20,00 e 15,00
1.º CURIOL
2.º TIMBA x
3.º COPACABANA
4.º MONTE-CRISTO

5.º Pareo — Brado do Ipiranga

3 Voltas Juniors — Premios Cr$25,00 e 15,0
1.º CAXANGA
2.º COLIBRI x
3.º ALADIM
4.º FU-MACHÚ x

6.º Pareo — Independencia ou Morte

3 Voltas Juniors — Premios Cr$30,00 e 15,00
1.º SWING x
2.º MELHORAL x
3.º RICAOM
5.º NHAMUNDÁ

7.º Pareo — José Clemente Pereira

3 Voltas Juniors — Premios Cr$25,00 e 15,00
1.º TAMANDUA
2.º CATA-VENTO
3.º SANTOS DUMONT
4.º RIO-MAR

8.º Pareo — 7 de Setembro — Match a tres

Premios — Cr$ 70,00 e 30,00
1.º JOE x
2.º SAMBA
3.º PERONIO x

9.º — Pareo 5 de Setembro

Seniors 5 Voltas Premios Cr$50,00 e 30,00
1.º CETA x
~~2.º BAHIA~~ x
3.º RELAMPAGO x
4.º URANIO x

10.º Pareo — Gonçalves Ledo

Moto-Patin Record por BLITZ em 20 voltas, puchada por MOSQUITO em motocicleta.

Premios — Cr$50,00 e 30,00

11.º Pareo — Imperatriz Leopoldina

O corredor TAMOYO tentará melhorar seu record de 500m00 partida parada estabelecido em 28 de Novembro de 1946, no tempo de 41. Mts.

12.º Pareo — Dom Pedro I

Pareo de honra. Grande Batalha de fundo em 10 voltas — Premios Cr$ 100,00 50,00 30,00 e 20,00

13.º Pareo — Brasil Austero

REVANCHE AYMORE - FAISCA - MACUXY
5 Voltas — Premios Cr$70,00 30,00
1.º AYMORE x
2.º FAISCA x
3.º MACUXY x

EQUIPE BARÉ — Correm 10 voltas

1.º MUIRAQUITAN x
2.º PERONIO x
3.º JOE

EQUIPE AMAZONAS

Correm 9 1/2 voltas
1.º CETA
2.º TIMBA x
3.º RELAMPAGO x
4.º COLIBRI
5.º RUMBA
6.º VAGAREZA
7.º SWING
8.º CHACALANGA

SEGUNDA PARTE

SENSACIONAL EMBATE DE BOXE
Premios de Cr$100,00 para cada preliante
1.º PANTERA 85 quilos 1 m 70
2.º MARRETA 70 quilos 1 m 60

VELÓDROMO "ÁLVARO MAIA"

O Bairro da Cachoeirinha ganhou seu primeiro Velódromo em 1899 com o nome de Recreio. Construído por um grupo de comerciantes, esse velódromo recebia corredores estrangeiros e do próprio País. Naquela época; os entusiastas desse esporte locomoviam-se de país a país através de vapores, participando das corridas de bicicletas, motocicletas e Tunder (bicicleta comprida com três assentos).

Esse divertimento igualava-se ao futebol de hoje em que as famílias participavam animadamente torcendo por seus atletas favoritos. Alguns corredores marcaram época em Manaus como: Neira, corredor espanhol; José Bento, português e Alcebíades Alves, brasileiro.

O Velódromo "Recreio" era o maior do Brasil, quando deixou de funcionar. Depois, no mesmo lugar, foi instalado o Velódromo "Álvaro Maia", todo construído em alvenaria pelo Engenheiro Deodoro D'Alcântara Freire em 1944 e concluído com ajuda financeira do então Interventor Álvaro Maia em 1945.

Esse velódromo tornou-se o único no País e o segundo da América do Sul.

A frente dele ficava na rua Santa Isabel, os fundos na Av. Costa e Silva e a lateral na rua Urucará. Funcionava nos finais de semana, feriados e comemorações festivas. Algumas vezes no meio da semana, tomava parte em algum evento importante.

Esse Estádio Velocipédico e Recreativo tinha 1430 metros quadrados de área para patinação, tênis, boxe, basquetebol, voleibol e exercícios ao ar livre. A pista, magnificamente arquitetada por seu idealizador tinha 225 metros à corda e 35 graus de inclinação, além de possuir cabines, vestuário, banheiros, departamento médico etc.

Os tipos de corridas apresentadas nessa época eram as de motocicletas, marca Indiana; Harley Daves e velocete e as de bicicletas, próprias para as pistas, com aros de madeira, pneus de seda e pião preso com roda livre, isto é, sem freio. Das marcas utilizadas eram as mais comuns a Pejour e a Raleg.

O velódromo também oferecia outras atrações como competição de patins e demonstração de patins rebocado à motocicleta. Algumas vezes, na área central, um ringue era montado para a realização de lutas livres, boxe e jiu-jitsu.

Possuía as seguintes classes de corredores: corridas de fundo com uma média de 30 a 40 voltas aproximadamente; corridas de velocidade de 3 a 4 voltas e demonstração de corridas coladas a motocicleta. Nesse tipo de competição os corredores acompanhavam uma motocicleta em suas bicicletas e depois de dar as voltas necessárias, a motocicleta saía da

pista e os corredores continuavam a corrida para ver quem seria o vencedor da prova.

O tempo foi passando... não conformado com a participação de apenas corredores brasileiros, o Dr. Deodoro D'Alcântara Freire resolve partir para o exterior a fim de contatar com proprietários de outros velódromos e efetuar acertos de intercâmbios quanto a exibição dos atletas, sem que para isso tivesse que pagar. Seu sonho, no entanto, não chegou a tornar-se realidade, vindo a falecer em 1950 quando retornava dessa viagem.

Morto o proprietário, alguns anos depois a família desfez-se da praça de esporte, vendendo-a à firma comercial do Dr. Benzecry que a adquiriu pela importância de duzentos e vinte cinco mil cruzeiros. Este empresário transformou as arquibancadas, as casas utilizadas para massagens, depósitos de bicicletas, enfermaria e posto médico em dependências para aluguel. Hoje, no local existe um depósito da Serraria Moss.

Alguns corredores como Melhoral, Tupã, Muiraquitã, Colibri, Rocha, Flecha, Perônio, Torpedo, Induzido, Belgique, Tubarão e Timba, lembram com saudades aquelas competições achando que tudo foi fantástico demais, como um sonho que durou pouco tempo.

1ª PAVIMENTAÇÃO DA CACHOEIRINHA

Em 1948, o governador Leopoldo Amorim da Silva Neves, através da recém-criada Comissão Estadual de Rodagens do Amazonas — CERA, efetuou a primeira pavimentação do bairro da Cachoeirinha ou mais precisamente em suas ruas de tráfego.

O trabalho foi executado pelo empreiteiro Jorge Furkim, tendo como mestre de obras o conhecido Mestre Anselmo.

O rudimentar serviço de pavimentação consistia em placas de cimento de um metro quadrado separada uma a uma por ripas. Para o assentamento era usada pedra britada, água de cimento e finalmente a placa propriamente dita. Após o cimento estar seco, um caminhão com camburões cheios d'água percorria a pista para o teste final do trabalho, tudo sob o olhar vigilante e crítico de Jorge Furkim.

A obra, embora destituída de recursos mais sofisticados, foi de um resultado surpreendente, graças a incrível habilidade profissional de seus responsáveis.

Os trechos que receberam benefícios de pavimentação:
Av. Waupés (da Humaitá até a Curva da Morte), Ipixuna (da Curva da Morte até a Padaria Santo Antonio), Borba (da padaria até o Posto de Puericultura), Manicoré (do citado posto à Igreja de Santa Rita) e Carvalho Leal (da Igreja até a rua Belém).

PERSONAGENS POPULARES

MRS. MENEZES

A professora Marion Rechard Menezes, filha de William Raymond Rechard e de Mary E. Rechard, nasceu a 23 de setembro de 1894 — Boston, Estados Unidos

Em sua cidade natal (1924) casou-se com o universitário brasileiro Cícero Bezerra de Menezes e neste mesmo ano chegou ao Brasil, indo morar em Porto Velho, onde o marido foi contratado como tradutor da Companhia Madeira Mamoré. Retornou a Boston em 1927 e só regressou ao Brasil em 1929, desta vez para Manaus, fixando residência na Vila Municipal e mais tarde passou a morar definitivamente na rua Ipixuna — Cachoeirinha.

Ao desembarcar no porto surpreendeu-se com a cidade, que embora pequena, era muito bem iluminada à luz elétrica, proporcionando uma bela visão noturna. Amou-a de imediato tanto pela sua graciosidade como pelos seus belos jardins e frondosos benjaminzeiros que ladeavam suas principais avenidas.

Até mesmo as ruas exerceram grande fascínio sobre Mrs. Menezes, pois pavimentadas com paralelepípedos eram varridas e lavadas à máquina todas as noites.

Para não ficar ociosa em terra estranha Mrs. Menezes decidiu lecionar inglês, colocando em prática uma didática própria. Em 1931, por intermédio do Desembargador André Vidal de Araújo, ganhou algumas salas do prédio do Juizado de Menores para que desse início às aulas.

Recebendo convite do Professor Genesino Braga (1942), passou a ensinar na Biblioteca Pública do Estado, ficando nesta atividade até 1979, um ano antes de sua morte.

Para Mrs. Menezes lecionar inglês era um prazer, só exigia que o aluno fosse alfabetizado e quisesse realmente aprender. Por isso, suas turmas eram sempre lotadas. Cobrava como mensalidades apenas uma quantia simbólica, pois era conhecedora das dificuldades que os pais de baixo poder aquisitivo, enfrentavam para proporcionar um melhor nível cultural a seus filhos. Ao justificar a mensalidade simbólica ela dizia: É uma quantia irrisória, mas necessária porque os jovens ficam persuadidos de que estão pagando o preço devido e não recebendo o que poderia parecer a caridade de uma estrangeira.

Em 1975, por sua dedicação ao ensino e nobre missão de educar várias gerações recebeu o título de "Cidadã de Manaus", outorgado pela Câmara Municipal, em solenidade que contou com a presença de professores, intelectuais, alunos, corpo consular e amigos. Foi o primeiro título do gênero, conferido a uma mulher, no Estado.

Segundo depoimento de amigos e alunos, Mrs. Menezes tinha grande espírito de patriotismo e amor a esta terra, traduzindo-os através de procedimentos admiráveis. Contam funcionários da Biblioteca Pública que, numa tipografia existente

Mrs. Menezes

(Foto Arquivo)

Residência de Mrs. Menezes

em frente a este prédio, a Bandeira Brasileira foi hasteada em homenagem a um Presidente da República que viria a Manaus. Neste momento Mrs. Menezes levantou-se em sinal de respeito e pediu a seus alunos que também se erguessem.

Mantinha estreito relacionamento com a colônia norte-americana e inglesa aqui residente, e todas as quartas-feiras no declinar da tarde recebia as senhoras para um chá. Foi testemunha de fatos pitorescos de Manaus antiga da qual relembrava sempre sorrindo. Citava, por exemplo, o cinema ainda mudo, com narrador ao vivo e um grupo de músicos que faziam fundo musical nas partes requeridas pelo filme.

Sempre admirou a pacatez de Manaus e boa índole de seu povo, pois nunca presenciou qualquer contenda, com exceção de um episório ocorrido logo após sua chegada, quando um aglomerado de pessoas armadas lutava em plena Av. Eduardo Ribeiro. A causa era a reivindicação dos professores com seus honorários em atraso, pedindo aumento de salário. Foi a chamada Revolução de Ribeiro Júnior.

De sua irreverência o que mais lembrava eram os longos passeios a cavalo que fazia do bairro da Cachoeirinha, onde passou a morar desde 1937, até o bairro de Flores, ante o olhar admirado do povo acostumado à timidez e recato das mulheres.

Assim era Mrs. Menezes, inteligente, culta e bonita. Uma beleza que emanava seu estado de alma deixando além dos ensinamentos, exemplo de admirável airtuísmo e amor a esta Pátria que também considerava sua.

DICO PAIVA

Figura popular da Cachoeirinha por inúmeros serviços prestados à comunidade. Nasceu no dia 10 de abril de 1907, em Sobral, Ceará, e chegou a Manaus com quatro meses de idade, passando a morar na rua Borba com Costa e Silva, durante 67 anos.

Começou muito cedo a exercer a profissão de massagista possuindo dons naturais, com os quais curou muita gente, inclusive filhos de médicos famosos.

Raimundo Ferreira de Paiva, o "Dico Paiva", massagista profissional, participou da vida futebolística do Estado como jogador, embora tenha tornado-se conhecido na profissão que exercia. Trabalhou durante 15 anos no Atlético Rio Negro Clube e cinco anos no Nacional Futebol Clube, além de alguns clubes de seu bairro como Madureira e Orion.

Atendia a todos sem distinção curando fraturas, torsões, rasgaduras, atrofias, ossos quebrados, desmentiduras e outros.

Mudou-se da Cachoeirinha em 1978 para a rua Lauro Cavalcante, 274, desgostoso por ter perdido um filho em aci-dente de trânsito.

Testemunha de singulares fatos no cotidiano, Dico Pa' não esteve só presente na dor, viveu e presenciou momentos memoráveis como vizinho e profissional do futebol. Acompanhou o crescimento da Cachoeirinha, conviveu com figuras expressivas do futebol como Pelé e esquecido por dirigentes dos clubes onde trabalhou, teve como último troféu o prêmio que a Câmara Municipal de Manaus lhe outorgou: "Cidadão de Manaus".

D. MARIA RUFINA

Conhecida professora do bairro, residente na rua Itacoatiara, deixou seu nome para a história através de seu dedicado trabalho como mestra. Contam moradores que D. Maria convidava qualquer moleque que não soubesse ler para participar de suas aulas, objetivando alfabetizá-lo. Era comum vê-la lecionando embaixo de árvores, rodeada de seus discípulos, seminus e descalços...

MESTRE CHICO

Poucos sabem que seu verdadeiro nome era Francisco dos Santos e que foi um dos primeiros moradores do bairro, residindo na rua Humaitá.

Zelava pelo Igarapé que corria límpido ribanceira abaixo, podando a vegetação das margens que impediam o acesso de populares, não permitindo, porém, a baderna da meninada no local.

Em virtude desse igarapé, situado nas proximidades da Ponte Metálica, contar sempre com os cuidados de Mestre Chico foi batizado pela população como Igarapé do Mestre Chico. E até hoje conserva essa denominação.

No Igarapé da Cachoeirinha (Foto Arquivo)

MÃE ZULMIRA

Bem falante e cheia de prosa Zulmira Astrogilda Alves, a Mãe Zulmira, contagia a todos que a rodeam. É funcionária da Saúde Pública onde exerce a função de Auxiliar de Laboratório. Nasceu em Manaus a 18 de setembro de 1926 e reside na Vila Mamão há 38 anos, sendo uma das primeiras moradoras do lugar.

De sua vida pregressa tem muito a contar, pois cada passo de sua existência no bairro está intrinsecamente ligado aos trabalhos que executa ou já executou, seja na umbanda, considerada a número um, ou em qualquer atividade que exija sua presença. Ela é sempre muito marcante.

Para dar continuação às suas tarefas de mediunidade, Mãe Zulmira instalou nos fundos de sua residência, à rua Vasconcelos Chaves, 238, um terreiro de umbanda denominado "Terreiro de São Lázaro", onde corre as sete linhas (Quimbanda, Umbanda, Jejo, Nagô, Mina, África e Candomblé). Foi a ogã principal de Mãe Joana Galante (São Jorge) e de Zulmar, pai de santo da Raiz.

Iniciada no Maranhão — Codó, Mãe Zulmira possui dois pais de cabeça: Zé Raimundo e moço Meméia Caviuçu. Em setembro de 1984 participou do curso de Umbanda e Lideranças Religiosas. cultos afro-brasileiros das regiões Norte e Nor-

deste, tendo como órgão promotor o Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda e dos Cultos afro-brasileiros.

Neste curso, Mãe Zulmira demonstrou o que aprendeu ao longo dos tempos, pois dos 400 participantes foi a primeira cologada em argüição. É com orgulho que mostra a todos que a visitam seu certificado de participação.

DEVOÇÃO RELIGIOSA

CAPELA DO POBRE DIABO

Em 1882, um cidadão português de nome Antonio José da Costa, proprietário de uma quitanda na rua da Instalação, mandou fazer em seu comercio uma tabuleta que representava um homem coberto de trapos e abaixo desta uma legenda: **Ao Pobre Diabo**. Devido a existência dessa placa em seu comércio e por sua avidez ao dinheiro, pois dizia ser um pobre diabo, **seo** Antonio passou a ser assim apelidado pela população.

No ano de 1897, casou-se com a jovem Cordolina Rosa de Viterbo, passando a residir na Praça Floriano Peixoto, Cachoeirinha, onde montou uma casa de diversões, denominando-a "Hig-Life".

Após algum tempo, **seo** Antonio ficou gravemente doente deixando dona Cordolina bastante aflita. Por ser devota de Santo Antonio fez uma promessa a esse santo pedindo-lhe a cura do marido. Caso este ficasse restabelecido da enfermidade, ela mandaria construir uma igreja em louvor ao santo.

Com o pronto restabelecimento do marido, dona Cordolina pagou a graça alcançada, mandando construir na Praça Floriano Peixoto, hoje rua Borba, uma elegante capela que é conhecida pelos moradores como "Capela do Pobre Diabo".

Após a construção desta, **seo** Antonio e dona Cardolina viajaram para Belém. Lá, ele veio a falecer e dona Cordolina retornou a Manaus. Na oportunidade fez a entrega da capela ao Bispado. A igrejinha de pequenas dimensões comporta aproximadamente 20 pessoas.

Embora do século passado, não se sabe ao certo o dia de sua inauguração. Conclui-se apenas que ela data de 28 de novembro de 1897.

Na administração do professor Arthur Reis, a Assembléia Legislativa aprovou a Lei Estadual de n.º 8, de 28 de junho de 1965, autorizando o Governo a considerar a Igreja de Santo Antônio como Monumento Histórico. Conforme publicação no Diário Oficial de 30 de junho do mesmo ano, a igrejinha acha-se, desde então, tombada sob a proteção do Poder Público.

Hoje, ela encontra-se constantemente fechada, sendo aberta apenas eventualmente para turistas e nas comemorações do dia de Santo Antonio.

IGREJA DE SANTA RITA

Sob a proteção de Santa Rita e de Santo Antonio de Pádua Dom João da Matta Andrade e Amaral, Bispo de Manaus, a 6 de novembro de 1941, fundou o Curato da Cachoeirinha. Este demorou pouco tempo, pois no dia 15 de dezembro do ano acima citado foi transformado em Paróquia, tendo

Capela do Pobre Diabo — Rua Borba

como primeiro pároco Frei Valeriano Fernandes.

A sede da Paróquia passou a funcionar na Capela de Santo Antonio, conhecida carinhosamente como Igreja do Pobre Diabo, localizada à rua Borba, Cachoeirinha.

Com o aumento da população do bairro se fez necessário a aquisição de um lugar onde uma nova casa de oração fosse instalada, a fim de abrigar maior número de fiéis.

Com o objetivo de valorizar a mão-de-obra local foi criado em 1944, sob a direção da Paróquia, um pequeno ateliê denominado "Santa Rita", funcionando nas proximidades da Capela de Santo Antonio. No ateliê eram ministrado cursos de corte costura, culinária, manicure, pedicure e outros, que mais tarde foram transferidos para a própria igreja.

No ano de 1947, Frei Valeriano Fernandes, sentindo que a pequena capela não comportava mais tanta gente, resolveu comprar um terreno por 2.500 cruzeiros situado à Av. Carvalho Leal onde construiu a atual igreja, que foi inaugurada em 1950.

As Associações Religiosas também fazem parte da Igreja de Santa Rita, que estende sua assistência cristã ao Cambixe e Careiro (ambos no interior do Amazonas), à Igreja de Santa Cecília, sito à rua J. Carlos Antony e Capela de Santo Antonio — Igreja do Pobre Diabo.

Todos os dias 22 de maio às 17:00 horas, com distribuição de rosas aos fiéis, é realizada a procissão em louvor à Santa Rita, percorrendo a rua Manicoré, Castelo Branco, Itacoatiara, Borba e Manicoré, terminando com missa campal às 17:30 horas.

Os padres da Igreja de Santa Rita pertencem à Ordem dos Agostinianos Regoletos — OAR, sediados na Espanha.

COMERCIOS E FABRICAS

FOGUETARIA IRACEMA

A história da Foguetaria Iracema se constitui numa das mais belas histórias da Cachoeirinha.

A procedência envolve a matriarca Raquel Amélia da Costa e sua chegada de Parangaba, Ceará, a Manaus no ano de 1891. D. Raquel, viúva, acompanhada dos filhos menores Francisco, Júlio, Antonio, Emílio e Bruno, procurando uma forma de trabalho para sobreviver, empregou-se em uma foguetaria na rua Municipal, hoje Sete de Setembro, nas imediações do Igarapé de Teodósio (Mestre Chico).

O proprietário deste estabelecimento era um português temperamental que costumava embriagar-se constantemente. Certa ocasião foi chamado às barras da justiça para cumprimento de pena por crime cometido tempos atrás. Deprimido e envergonhado com o acontecido passou a embriagar-se mais ainda, efetuando gestos transloucados que veio culminar com a explosão da foguetaria, causando sua morte e de mais cinco empregados.

Tempos depois na rua Norte-Sul n.º 1 (Rua Maués), D. Raquel, com a ajuda do filho Bruno, instalou modestamente uma fábrica nas proximidades do Igarapé da Cachoeirinha e posteriormente ampliou-a para atender as solicitações de inúmeras encomendas, inclusive do próprio Governo Estadual.

No ano de 1900, Bruno Ferreira da Costa, conhece a modista do Governador Ramalho Júnior, srtª Francisca, e neste mesmo ano casa-se sem os auspícios da matriarca Raquel.

Com algumas economias, D. Francisca compra um terreno na Rua Borba esquina com a Santa Isabel, próximo ao velódromo e instala a Foguetaria Iracema, nome este em homenagem a uma praia do Ceará, local de nascimento de D. Francisca.

A pequena fábrica consistia num amplo barracão para venda dos artefatos e outros, separado principalmente por cores, em virtude do grande perigo.

Seo Bruno era promesseiro de Santo Antonio e por ocasião da festa do padroeiro, na Praça Marechal Deodoro, exibia painéis que consistiam num verdadeiro trabalho artístico e de muita imaginação. Em atenção ao homenageado estes painéis eram fixados em dois pés de madeira e circundados de velas em cores, divididos em três partes concernentes a cada santo. Na frente do painel uma cobertura, e por detrás desta um estopim levando fogo ao fio que segurava a referida cobertura.

Com muito suspense e ante o olhar ansioso da platéia, o acender do estopim provocava certa barulheira e por fim a queda do pano que cobria as imagens, sob o aplauso de todos.

Esse trabalho da Foguetaria era exibido nos dias cívicos como Sete de Setembro ou visita de ilustres autoridades, obviamente com a mudanca dos personagens no painel.

A histórica Foguetaria Iracema esteve tão bem financeiramente que chegou a ter o número de 33 funcionários, necessidade esta devida a exportação que fazia para o interior do Estado e fora deste, como Pernambuco.

Em 1932, seo Bruno separou-se da esposa e esta assumiu com o filho Philogônio a direção da foguetaria.

Em julho de 1941, Dona Francisca faleceu e dois meses depois o marido.

Philogônio, em nome dos irmãos, passou então a gerenciar a fábrica e busca inovações com a fórmula francesa, que é mais violenta, e a criação do foguete Iraceminho. A seguir com o objetivo de crescer a produção abriu uma agência de venda atrás da Igreja dos Remédios, no centro da cidade, e construiu uma fábrica com box na outra margem do Igarapé da Cachoeirinha (Raiz), deixando as instalações da Rua Santa Isabel como venda principal.

Dificuldades financeiras começaram a surgir, principalmente com a ação judicial impetrada contra a fábrica, motivadas por dívidas assumidas e não pagas, e consequente tomada da subagência pela justiça.

Philogônio desgostoso viaja para o Rio de Janeiro, deixando maquinários e material explosivo num depósito da praia do mercado. Estávamos então na Segunda Guerra Mundial — 1942.

Como as Forças Armadas controlavam esse tipo de comércio, e na ausência do responsável, o Ministério da Marinha lacrou o depósito.

As dívidas cresceram, sem que a familia pudesse pagar, culminando com o leilão do terreno e prédio que por quase 50 anos existiu como Foguetaria Iracema.

COMPANHIA BRASILEIRA DE FIBRAS

No início do século existia na Av. Ajuricaba, bairro da Cachoeirinha, uma aprazível chácara colonial denominada "Paraíso" de propriedade de um certo Dr. Eugênio. Com a mudança deste para o centro da cidade, no final dos anos 30, a chácara foi vendida para um grupo de empresários paulistas vindos de Taubaté — São Paulo, que desativou a residência e em seu lugar construiu a primeira prensagem de juta de Manaus e do Brasil, a Companhia Brasileira de Fibras.

Em 1942, seus empresários, também proprietários de uma tecelagem de juta em Taubaté — São Paulo, resolveram vender a companhia instalada em Manaus, uma vez que esta já não estava produzindo o suficiente. Foi adquirida pelo empresário sírio Khaled Hauache, radicado no Estado, que explorava este tipo de comércio adquirindo a matéria-prima originada dos Municípios de Parintins, Itacoatiara e Manacapuru. Época

de grande fausto do produto no Estado do Amazonas, com exportação para todo o território brasileiro.

No decorrer do tempo e com a ampliação de outras indústrias do gênero no mercado, o Sr. Khaled, em 1976, resolveu alugar sua fábrica para um grupo de chineses cuja finalidade era montar uma fábrica de cigarros. O investimento deu certo apenas por três anos, vindo a falir em virtude da concorrência com a empresa Souza Cruz que oferecia seus produtos de alta qualidade a preços mais baixos.

Em 1980, o Sr. Khaled Hauache repassou o prédio para seu irmão e empresário Hassan Hauache que o dividiu em vários galpões, transformando-os, após, em depósitos para produtos variados.

PAVILHÃO SANTA RITA

Existia na confluência da Av. Sete de Setembro com a Av. Waupés (Castelo Branco), um pavilhão denominado "Santa Rita" nos moldes do último exemplar, existente ainda hoje entre as ruas Marquês de Santa Cruz e Miranda Leão.

De propriedade da Prefeitura era arrendado a interessados com a finalidade de atender serviços de bar e lanche.

Para os moradores do bairro, o Pavilhão representa momentos de saudades: A seresta, um trago, as discussões sobre futebol pela rapaziada...

Surgiu na década de 50 e foi desativado em 1977, na administração do prefeito Jorge Teixeira de Oliveira, sendo seu último arrendatário o Sr. Salomão Toledano.

SERRARIA FURTADO

Fundada em 1951 com o nome de Real Amazônia, tendo como proprietários J. Furtado e Cia. Ltda., composta pelos sócios João de Mendonça Furtado e sua irmã Cecília Furtado Álvares.

A empresa possuía dois estabelecimentos: um situado à Enseada do Marapatá, s/n.º, onde funcionava a serraria, o outro, na Av. Waupés (hoje Castelo Branco), bairro da Cachoeirinha, local em que se encontrava o depósito para venda de madeiras industrializadas.

No ano de 1970, a sociedade foi desfeita, surgindo no ano seguinte uma nova empresa com a denominação individual de

"João de Mendonça Furtado" — proprietário da Serraria Furtado, localizada na Enseada do Marapatá, s/n.º, operando com indústria de serraria e depósito de vendas à Av. Castelo Branco, 215, Cachoeirinha.

FABRICA DE GELO

Existia no bairro de Aparecida, até os anos 60, uma fábrica de gelo pertencente a família Miranda Corrêa. Naquela época, os pescadores passavam cerca de 40 a 45 dias esperando por uma pedra de gelo para congelar o seu pescado e poder vendê-lo em grande escala ao consumidor.

Como os Miranda Córrêa decidissem desativar a fábrica o Sr. Marcelino Alcântara e seus filhos Alberto Alcântara e Raimunda Alcântara, resolveram comprar todo esse maquinário e montar uma outra na Av. Carvalho Leal, Cachoeirinha. No dia 11 de novembro de 1966, a fábrica foi inaugurada com capacidade para 22 toneladas de gelo por dia, tendo como denominação "Frigelo".

Com as ampliações sofridas, a Frigelo passou a dar maior assistência aos consumidores, uma vez que serve a população de todo o Estado, garantindo pronto atendimento de serviço.

CASA AMARELA

Nome de uma mercearia, referência de linha de ônibus, local de grandes comícios.

Tudo começou com a chegada a Manaus de Joaquim Botelho Cabral, pernambucano de Limoeiro, em 1942.

Comprou um terreno na esquina das Ruas Carvalho Leal com a Codajás e construiu duas casas conjugadas, em taipa, destinadas a comércio e residência; denominou-as de Casa Amarela em homenagem a um bairro existente em sua cidade natal com esta nomenclaturra. O comércio vendia estivas em geral além de serviço de bar.

Seo Joaquim, falante como todo bom nordestino, logo conquistou amigos, tornando o local um ponto de encontro para reuniões de líderes, de setores que iam da politica ao futebol.

Com o surgimento dos ônibus em 1946, o percurso da linha circular terminava no bairro da Cachoeirinha em frente a referida mercearia, cujo endereçamento lia-se: Casa Amarela.

O local tornou-se tão conhecido que os políticos da década de 50 realizavam em uma área ao lado, portentosos comícios. Era a época de enormes contendas entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrático (PSD). Havia até um chavão popular que dizia: "Político que não faz comicio na Casa Amarela não ganha eleição".

ARRAIAIS

ARRAIAL DO POBRE DIABO

Ocorria sempre no mês de junho, uma quermesse na Praça Floriano Peixoto, por ocasião dos festejos do dia de Santo Antonio. Era o Arraial do Pobre Diabo.

Na década de 30 este arraial chegou a ser o mais famoso da cidade, tendo inclusive linha de bonde.

Havia no local, um coreto na qual exibiam-se orquestras, destacando-se porém a do Mestre Wanderley conhecido cidadão do bairro.

Com boa iluminação e decorada com palmeiras a area era toda circundada por barracas com vendas de guloseimas, sendo a principal destas, a barraca das "beatas da Igreja".

Ao longo da noite ocorria a exibição de "quadrilhas juninas" por jovens do bairro; rojão de fogos e imensos balões, Zepellin soltos no ar, ambos confeccionados pelo proprietário da Foguetaria Iracema.

O ápice da festa consistia em leilões de objetos ou quitutes doados pelos "paraninfos", ou "patronos" da noite escolhidos pelos organizadores do evento.

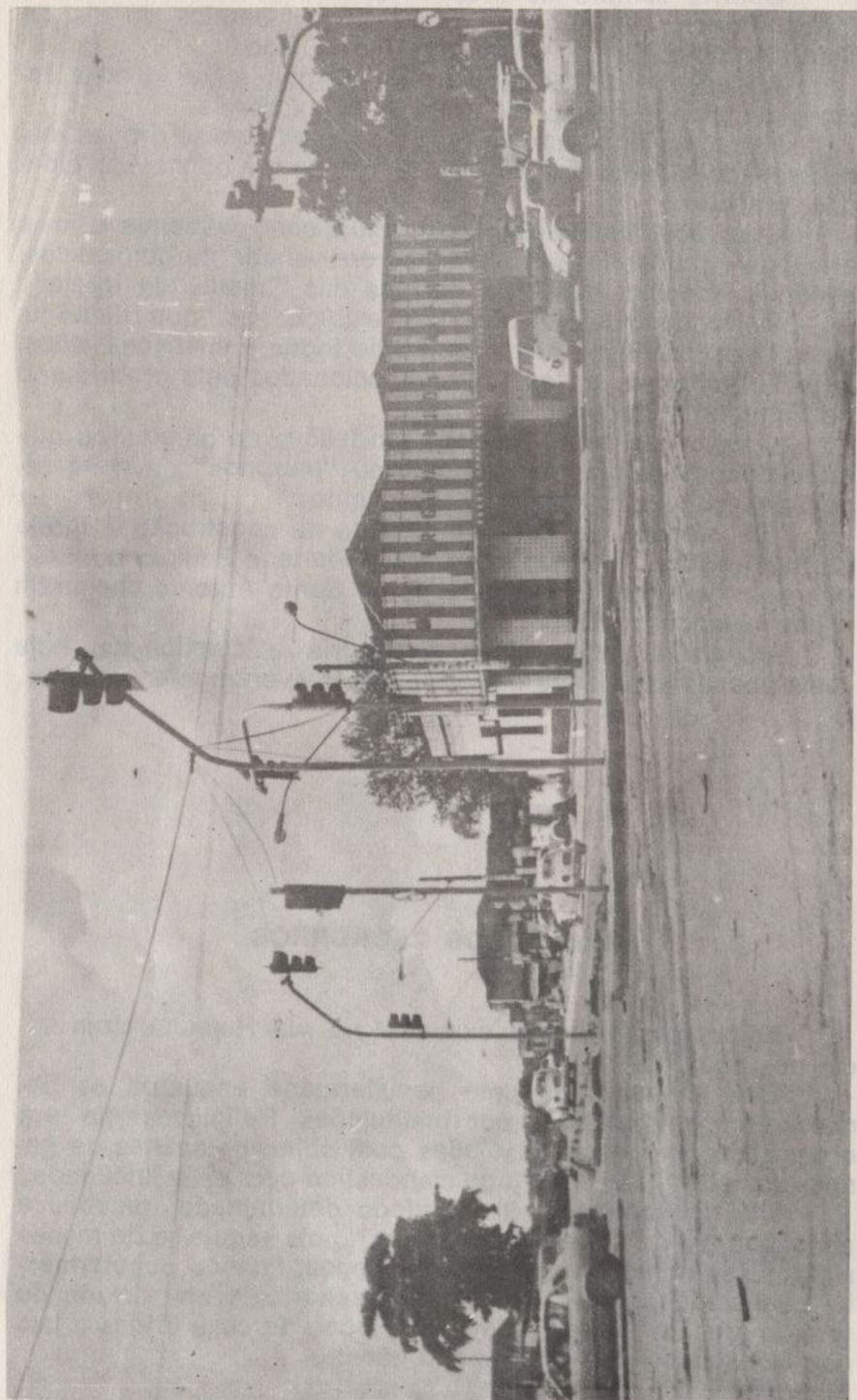
Em meados de 1950, em virtude da construção a Igreja de Santa Rita, e da doação da Praça Floriano Peixoto ao Exército pelo Governo, as festividades de Santo Antonio chegaram a um melancólico final.

Do arraial, antes cheio de alegria e comilanças, hoje resta apenas a saudade daqueles que o viveram intensamente.

ARRAIAL DOS CACHORROS

Aglomeração festiva existente na rua Humaitá, com início nos anos 40.

Este arraial tinha uma peculiaridade, enquanto os demais eram patrocinados por Instituições Religiosas ele era organizado por pessoas isoladas com objetivos apenas de ganhar dinheiro. Usavam o jogo clandestino para essa finalidade.

Não obedecendo um período determinado, recebeu a denominação de "arraial do sem fim", pois seguia-se de meses a fio. Esse nome, no entanto, não pegou, ficando popularmente conhecido como "Arraial dos Cachorros", em virtude do grande número desses animais no local, de suas brigas e latidos constantes nas altas madrugadas.

Rua Humaitá, local de realização do antigo "Arraial dos Cachorros"

CLUBES

ORION FOOTBALL CLUB

O Orion Football Club, foi fundado por Antonio Altino da Silva (Mestre Ceará) no dia 15 de maio de 1939, com sede social localizada na rua Ajuricaba n.º 1140.

Somente no dia 15 de maio de 1942 é que o clube se organizou como entidade jurídica e elegeu a primeira diretoria que ficou assim constituída: Presidente, Maximino Santos e demais membros, Brasiliano Santos, Gordiano Costa, Antonio Rebelo, Idelfonso Santos e Humberto da Silva Holanda.

Tempos depois o clube foi desativado, retornando em 11 de março de 1950 formando nova diretoria com: Humberto da Silva Holanda, Antonio Altino de Souza (Zé Pretinho), Raimundo Fernandes de Souza, Henrique Ferreira Alves, Waldemar Pereira Caié e finalmente Olímpio Gonçalves.

No dia 25 de dezembro de 1952 a escolha de nova diretoria, tendo como presidente o Sr. Álvaro Maranhão. Esta data marcou a 2ª fase do Orion que reformulou o nome e trocou de endereço: Passou a funcionar na rua Borba n.º 170 chamando-se Orion Esporte Clube, em virtude de participar de várias modalidades.

Em fevereiro de 1955, nova estruturação no clube, e eleição de diretoria, tendo como presidente o Sr. Lúcio Pereira Caié.

Com muito dinamismo e esforço essa diretoria através de várias promoções e contribuições de associados e políticos, comprou uma parte dos terrenos de propriedade dos sócios Humberto da Silva Holanda e Antonio Altino da Silva, e por fim, construiu a tão sonhada sede própria. A mesma era de madeira, coberta de palha e fazia frente para a rua Borba.

Em 1965, a diretoria composta por Henrique Alves, Diamantino dos Santos e Waldemar Pereira Caiol, decidiu junto aos associados desativar o clube: sua receita era menor que os encargos, e a censura cada vez mais exigente. Estávamos em plena revolução.

MADUREIRA ATLÉTICO CLUBE

Surgiu no fim dos anos 30, na casa n.º 75, na rua General Glicério, de propriedade de Luiz Gonzaga. Reuniram-se naquela época Enézio Eugênio de Almeida, Mário Ribeiro da Silva, Luiz Gonzaga, Alexandre Ferreira, Pedrinho, José Carvalho e Waldemar Lisboa, com o propósito de definir diretrizes do clube concernente ao futebol.

O 1.º presidente foi Luiz Gonzaga que levou o Madureira ao apogeu na década de 40, consagrando-o como o melhor time suburbano da cidade, com a seguinte formação: Ney, Sabá Baima, Sabá, Barbeirinho, Lupércio, Reginaldo, Regildo, Caiado, Luiz Onete, Paulo Onete e Alexandre.

Seu maior adversário era o Orion Futebol Clube e o palco de acirrados embates era a Praça Floriano Peixoto, em partidas memoráveis para seus torcedores.

O Madureira não chegou a ter sede própria, mas veio fixar-se na rua Borba n.º 312.

O fato de ser "mais querido" do bairro, inclusive frequentado por jornalistas, literatos e abastados comerciantes, convertia qualquer promoção social em absoluto sucesso.

Com saudade, lembram seus simpatizantes de suas "manhãs dançantes" acompanhado do Conjunto Musical de Domingos Lima, ruidosas festas de fim de semana, bailes de carnaval e torneios no interior do Estado.

O declínio veio ocorrer no final dos anos 50 e em 60 foi reorganizado por Azamor Amorim.

Esse dirigente veio dar novo impulso ao clube e em 1963 junto a José Carvalho dinamizou o Departamento de Futebol e Social, lançando campanha para arrecadação de fundos para obtenção da sede própria, cursos de alfabetização para a comunidade e veiculação de notícias do clube com o lançamento do Boletim Informativo Madureira Atlético Clube.

Tal fase foi transitória e o Madureira veio a sucumbir em 1965 na administração de João Franco (Bolaça).

Dos inúmeros dirigentes que passaram pelo clube, Enézio Eugênio de Almeida foi quem mais se destacou.

YPIRANGA FUTEBOL CLUBE

Ypiranga Futebol Clube (Foto Arquivo)

Clube social, funcionando na Carvalho Leal com Barcelos, foi fundado no dia 5 de setembro de 1942 por Horácio Solimões do Nascimento, João Gomes, Nilo Pereira de Souza, Waldemar Alves de Lima, Waldemar Lisboa, Osvaldo Solimões do Nascimento, Potoqueiro e José Lázaro.

A área de sua sede foi doada pela Prefeitura Municipal de Manaus, através da lei n.º 23, de 12 de dezembro de 1951, na administração de Raimundo Chaves Ribeiro.

Destacou-se também no futebol, participando inclusive da 2ª divisão.

BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE

Baile de Máscaras do Botafogo Futebol Clube (Foto Arquivo)

Fundado na Av. Carvalho Leal, em 1955, por Miguel Sena, Noia, Valdemar Torres, Paulo Biribá, Esteves e Boanerges.

Na década de 60, construiu na rua J. Carlos Antony sua sede social. Participou do esporte amador, consagrando-se porém em suas promoções sociais.

Em 1970, com a venda de seu patrimônio o Botafogo deixou de existir.

SANTOS FUTEBOL CLUBE

Entidade esportiva fundada em 1.º de maio de 1952 por Jorge Lima, Jorge Cordeiro, Arthur Silva, Hugo, Gestê, Pretinho e Sabá. Teve como primeiro presidente Jorge Lima.

Único clube da Cachoeirinha que disputou o campeonato da primeira divisão, uma classe especial do futebol amador, uma vez que ainda não existia a categoria profissional. Conquistou o título máximo de 1958, vencendo o Guanabara Esporte Clube pelo marcador de 3 tentos a 1.

Os craques que participaram da partida que consagrou o Santos campeão foram: Ney, Raimundinho, Silvino, Paulo, Roberto e Melo, Tucupi, Gesnê, Pretinho, Pinguim e Cacheado.

Como o Santos não tivesse sede própria para suas reuniões utilizava a do Madureira, na rua Borba, já que esse clube

estava desativado. Possuía dois equipamentos com as cores em branca-verde e verde-amarelo, as quais eram usadas como símbolo da Pátria.

Com o surgimento das primeiras incompatibilidades o clube não resistiu, vindo a parar com suas atividades em 1963, só retornando ao futebol em 1974, desta vez com nova diretoria, tendo à frente Raimundo Pires de Mello e Raimundo Pires de Mello Filho.

FESTAS / FOLCLORE

BUMBÁ CORRE CAMPO

O mais bonito e admirado Bumbá de Manaus foi fundado no dia 1.º de maio de 1942, na casa n.º 1140, da rua Ajuricaba, no bairro da Cachoeirinha, por Astrogildo Santos (Tó), Wandiguamiro Santos (Miro), Dionísio Gomes (Tucuxi), Mauro Souza Cruz (Pelica) e Antonio Altino Silva (Ceará).

Apesar das dificuldades, seus idealizadores não esmoreceram e começaram a ensaiar na rua Ajuricaba esquina com a rua Borba, exibindo-se no próprio curral e nas casas onde era solicitado.

Em 1952, o Fast Clube promoveu um festival no antigo campo do Ypiranga e o "Corre Campo" tirou o 1.º lugar, fato este repetido quando a Empresa Archer Pinto promoveu o I Festival Folclórico no Estádio General Osório. Nos 43 anos de existência o "Corre Campo" deixou de se apresentar três vezes, sendo a primeira em 1969 quando morreu Astrogildo (Tó) e outras duas vezes em 1974 e 1975 insatisfeito com a coordenação do festival.

O primeiro boi era armado de pernamanca, cipó e coberto de flanela. Em 1945 o Sr. Cícero, da Padaria Santo Antonio, encomendou de "Lauro Chibé" — um dos maiores artistas na confecção de bumbás —, um bonito boi que durou até 1970, quando então Miro, seu atual responsável, introduziu algumas modificações tais como, mexer a orelha e rabo e mostrar a língua. Nos últimos anos o "Corre Campo" exibe melhor visual e destreza com inovações efetuadas pelo artista plástico Jair Mendes, uma das maiores expressões do folclore de Parintins e sobretudo fantasias habilmente trabalhadas pelos figurinistas Custódio, João e José Luiz.

O "Corre Campo" é hoje dirigido por uma Associação Folclórica Cultural que não tem poupado esforços para elevar o nível das apresentações graças à dedicação de seus incentivadores como Waldemar e Ana Lisboa, tenente Maranhão, Aluísio Ramos, Josué e Raimunda de Souza, Waldir Barros e Altavir Assunção.

Sua presença engrandece o folclore amazonense, por isso é citado na coleção "Histórias, Lendas e Costumes" da Editora Três, réplica do boi, da burrinha e de fantasias expostas em Paris, no Museu do Louvre e em São Paulo, no Ibirapuera, além de ser o boi que representa o nosso Estado no Museu do Homem do Norte, em Manaus.

Hoje, o "Corre Campo" tem seu curral no bairro de São Francisco em frente a Igreja do mesmo nome.

ESCOLA DE SAMBA ANDANÇAS DE CIGANO

Esta agremiação surgiu em 1974 quando um grupo de moradores do bairro da Cachoeirinha, mas precisamente da Av. Parintins, organizaram um bloco denominado "Bloco do Macacão", nome esse em virtude da grande massificação de venda desse produto na cidade de Manaus, haja vista a chegada da Zona Franca alguns anos antes.

O bloco era formado por Mário Adolfo, Wilson Fernandes, Rui de Assunção Filho, Antídio Barros, Arlindo Kleber Luiz, Simão Pessoa e outros. Cerca de 80 pessoas participaram de seu primeiro e último desfile no qual tornou-se campeão na categoria.

Em 1975 foi criado o bloco Andanças de Cigano com o objetivo de substituir o anterior já desfeito. Sua indumentária tinha todas as características das roupas de cigano, com turbantes na cabeça, calças justas e saias rodadas. Era presidente na época Rui Assunção.

A partir de 1976, Andanças de Cigano desceu a Avenida, com enredo próprio enaltecendo personagens e escritores populares como Charles Chaplin, Jorge Amado, Vinícius de Moraes etc., e foi ainda como bloco que tornou-se pentacampeão do carnaval amazonense.

Foi elevado à categoria de Grêmio Recreativo Escola de Samba Andanças de Cigano em 1984, desfilando como tal no mesmo ano. Com o enredo "Brasil, Terra do Samba e do Choro", constituiu-se de 11 alas e 1.200 brincantes aproximadamente.

A sede da escola funciona à Av. Parintins, 1303. Seus ensaios começam a partir de julho, sempre no horário noturno.

INSTITUIÇÕES

HOSPITAL GERAL DE MANAUS

Perspectivas do Prédio do Hospital Geral de Manaus

Sua criação data de 14 de fevereiro de 1953, por força do Decreto de número 32.271, com a denominação de Hospital Militar de Manaus, vinculado à 8ª Região Militar.

Iniciou suas atividades nesta cidade, no bairro da Cachoeirinha à rua Ipixuna, 1421, sempre num crescimento constante de suas instalações, materiais e aprimoramento cada vez maior dos setores especializados. Procura oferecer aos seus usuários o que há de mais moderno no campo da medicina e odontologia, tentando realizar a baixo índice, a transferência de pacientes para outros centros.

No dia 8 de julho de 1953, uma Portaria Ministerial de n.º 284, o transformou em Hospital de Guarnição de Manaus. funcionando com esta denominação até 1969.

Devido ao grande número de unidades implantadas e outras em planejamento, face ao crescimento e desenvolvimento da Amazônia no Plano de Integração Nacional, a necessidade de ampliação do hospital foi notória e, através do Decreto n.º 64.366 de 1969 sua denominação foi alterada para Hospital Geral de Manaus, ganhando com isso uma nova estrutura e maior campo de ação.

Atende militares da ativa e reserva remunerada do Exército, Marinha e Aeronáutica, dependentes e funcionários civis do Ministério do Exército e também os assistidos do Funrural.

POSTO DE PUERICULTURA

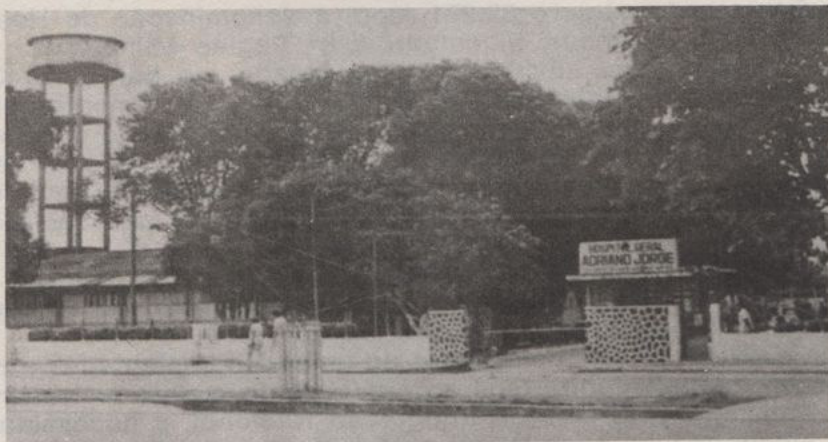
Para atender uma clientela específica, na fase de gestação, nutriz e primeira infância foi fundado o Posto de Puericultura em Manaus. Sua criação data de setembro de 1946, na rua Borba com Manicoré, quando os cuidados com crianças e gestantes eram bastantes precários. Esse posto proporcionava serviços médicos sob a orientação da L.B.A. com as

clínicas de Pediatria, Obstetricia e Ginecologia e Gabinete Dentário, tendo como responsáveis os médicos José Amazonas Palhano, Waldir Medeiros e Fernando Lima Verde, respectivamente.

No período da gestação eram oferecidos às pacientes sopas e mingaus e para as crianças, o Lactário, um leite artificial preparado no próprio posto, conservado em mamadeiras.

O Posto de Puericultura passou a Posto Médico em 1953 e, consequentemente a Centro Social n.º 2 da L.B.A. em 1967.

Os serviços que presta à comunidade carente, hoje, são mais abrangentes, pois além dos atendimentos já mencionados, oferece um programa de creche, serviço jurídico, cursos diversos, vacinas em crianças e gestantes e alguns auxílios paralelos como compra de óculos, hortese e prótese, ajuda financeira e funrural.

HOSPITAL ADRIANO JORGE

Hospital "Adriano Jorge"

Inaugurado como Sanatório Adriano Jorge pela Campanha Nacional contra a Tuberculose do Ministério da Saúde, em 30 de junho de 1953 com especialidade em Tuberculose.

Funcionou primeiramente com um Conselho Executivo constituído dos médicos: Drs. Moura Tapajós, Djalma Batista e Kronger Perdigão, sendo este último o primeiro diretor do Sanatório.

Contava com seis pavilhões de um pavimento, programado inicialmente para uma capacidade de 432 leitos. Com a implantação de um centro de reabilitação (terapia ocupacional) esses leitos foram reduzidos para 365.

Em 1979, através da Portaria n.º 63 de 21 de fevereiro desse mesmo ano, o Sanatório passou a denominar-se Hospital Geral Adriano Jorge, continuando entretanto a atender especialmente tuberculose até 1982.

A partir de fevereiro de 1983, funcionando em regime de co-gestão com o Ministério da Saúde, Ministério da Previdência e Assistência Social, Governo do Estado e Secretaria de Estado de Saúde, o Hospital Geral ampliou suas atividades passando a atender clínicas médicas, cirúrgicas, tisiologia e pneumatias.

Dentro do convênio de co-gestão o Hospital dá apoio ao Pronto Atendimento Médico do Inamps. Recebe pacientes de todas as partes do Amazonas, haja vista no atendimento à tuberculose ser o único existente no Estado.

Está programado a ampliação de leitos nas clínicas médicas, cirúrgicas, tisiologia e outras pneumatias, totalizando 181 leitos e ainda a implantação da psiquiatria.

O Hospital Geral Adriano Jorge funciona as 24 horas do dia. Tem uma média de 383 funcionários cedidos pela Campanha Nacional contra a Tuberculose, Ministério da Saúde e Secretaria de Estado da Saúde. Sua sede atual localiza-se à Av. Carvalho Leal s/n.º — Cachoeirinha.

CENTRO DE DERMATOLOGIA TROPICAL E VENEREALOGIA "ALFREDO DA MATA"

Órgão da Secretaria de Estado da Saúde, criado no ano de 1955 com o nome de Dispensário Alfredo da Mata para atender especialmente pacientes com o mal de Hansen.

Com uma política de trabalho abnegada e cheia de altruísmo, o Dispensário situado à rua Codajás, 25 — Cachoeirinha, tornou-se bastante conhecido em toda cidade, inclusive com o nome popular de "Casa Amarela", equívoco este com a cor do seu prédio que era amarelo, com uma mercearia conhecidíssima, existente na mesma rua que tinha essa nomenclatura.

Contando com a dedicação dos médicos Menandro Tapajós e Leopoldo Krichanã da Silva, e poucos funcionários o Dispensário Alfredo da Mata já obedecia a mesma diretriz e comportamento que hoje efetua com seus pacientes, em trabalho sistemático de acompanhamento.

Em casos de extrema gravidade e mutilação, os pacientes eram encaminhados a núcleos populacionais de doentes em Paricatuba, vila localizada na região do Rio Negro e Colônia Antonio Aleixo.

No ano de 1982, conforme Decreto-Lei n.º 6.808, de 24 de novembro de 1982, o Dispensário Alfredo da Mata recebeu o nome de Centro de Dermatologia Tropical e Venerealogia Alfredo da Mata, em razão da ampliação de suas atribuições, ou seja: D.S.T. (doenças sexualmente transmissíveis), dermatologia sanitária, hanseníase, ortopedia, neurologia e otorrinologia, estas três últimas especializações em decorrência de sequelas produzidas pela hanseníase.

Contando com um vasto programa para atendimento a uma estatística preocupante de 19.144 pacientes com mal de Hansen, em todo o Estado do Amazonas, esta entidade ampliou seu quadro funcional para 111 profissionais, além de contar com o apoio logístico de órgãos federais e municipais, bem como particulares.

EDIFÍCIO ENGENHEIRO EDMUNDO RÉGIS BITTENCOURT "PALÁCIO RODOVIÁRIO"

Palácio Rodoviário — Rua Carvalho Leal

Projetado pelo engenheiro Bina Founyak com obras a cargo da Construtora Belo Horizonte S/A. Iniciado na administração do Dr. Plínio Ramos Coelho (1955/58) e concluido no governo Gilberto Mestrinho (1959/63), tendo como engenheiro responsável o Dr. Cláudio Palha de Moraes Bittencourt

Esse edifício de três andares denominado popularmente Palácio Rodoviário e localizado à Av. Carvalho Leal, 1777, foi construído com o objetivo de sediar o Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas — DER-Am. O terceiro andar deste prédio serviu de residência por muitos anos, aos diretores desta instituição bem como aos governadores Arthur Cezar Ferreira Reis e João Walter de Andrade.

Em 1975 sofreu reformas internas e passou estritamente a atuar como repartição pública. No seu terceiro andar, outrora residência, funciona hoje a Secretaria de Transportes e Obras — Setran.

Os saudosistas lembram o Palácio Rodoviário como um prédio de linhas modernas para a época e sobretudo exuberante parque.

O jardim era bem tratado e a piscina sempre limpa e cheia. Na lateral, viveiro de pássaros e lagoa artificial com tartarugas e peixes regionais...

Local de passeios dos namorados e divertimento da garotada após sessões vespertinas no Cine Ypiranga.

Para muitos, sua arquitetura refletiu o apogeu que durante muitos anos desfrutou.

DER-AM

Antiga Comissão de Estrada de Rodagem do Amazonas — CERA, criada através do Decreto-Lei n.º 1672, de 11 de setembro de 1946. Anos depois, essa denominação foi transformada em Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Amazonas — DAERA, pela Lei Estadual n.º 199, de 23 de dezembro de 1954, quando ihe foi conferida autonomia administrativa e financeira, tendo o órgão repassado essas mesmas competências e finalidades definidas à CERA.

A Lei n.º 70, de junho de 1956, extinguiu a expressão "autônomo" do nome da entidade passando a intitular-se DER-Am. Era diretor na época o Dr. Cláudio Palha de Moraes Bittencourt.

Esse órgão, cujo objetivo é melhorar o sistema viário do nosso Estado, atua na cidade e no interior com abertura de ruas, logradouros públicos, avenidas e edificação dos portos, baseado em planos conveniados com as prefeituras dos municípios amazonenses.

SETRAN

A Secretaria de Estado dos Transportes e Obras — SETRAN, criada pela Lei n.º 1013, de 23 de abril de 1971, é órgão da Administração Direta do Poder Executivo. Tem como competência institucional o desenvolvimento das atividades referentes a sistemas viários, obras públicas e navegação interior através de execução direta e descentralizada, elaborada pelos órgãos sob sua direção interna e/ou entidades vinculadas.

Dentre as atividades exercidas por esta Secretaria, podemos citar a complementação e implementação do Plano Estadual de Transportes, como parte do Plano de Governo, isto é, planejamento, execução e fiscalização de obras públicas no âmbito estadual e melhoria dos serviços de transporte fluvial de passageiros e cargas, mediante oferta de equipamentos adequados às peculiaridades regionais.

CINE YPIRANGA

A Empresa de Cinemas Bernardino Ltda., instalou na Av. Carvalho Leal, no ano de 1960, uma casa de exibição cinematográfica com o nome de "Cine Ypiranga".

Sem a influência da televisão as "matinais" e "matinês" eram a coqueluche do momento. Época dos "westerns" americanos e italianos, das comédias de pastelão, e dos grandes heróis.

Filas intermináveis na entrada, casa lotada.

Nada empanava o brilho e a expectativa da garotada quando tudo escurecia e o condor ou o leão da Metro Golden Mayer aparecia na tela.

Momentos memoráveis viveu o Cine Ypiranga! Com lançamento de "avant-premier" e exibição ao vivo de cantores da jovem guarda.

Com o advento da televisão o Cine Ypiranga foi perdendo sua clientela e as sessões antigamente lotadas, ficaram aos poucos quase que completamente sem público. O tempo foi passando, e dos 1.800 lugares que possuía apenas a metade era utilizada.

Para se graduar em cine de primeira classe, essa casa cinematográfica, em 1981 foi reformada, passando a conter 500 lugares, cadeiras estofadas, ar condicionado central e até mesmo uma sala de fumo e bar. A reforma, entretanto, não aumentou seu público, que continuou aderindo aos filmes dos canais de televisão.

A baixa frequência e a carência das fitas, contribuíram com o fechamento total do Cine Ypiranga, palco de festas, apresentações musicais, entretenimento e lazer.

Em novembro de 1983, Manaus perdeu mais uma casa de espetáculos cinematográficos.

CONJUNTO RESIDENCIAL JUSCELINO KUBITSCHEK

Construído pelo Departamento de Assistência e Previdência Social — DAPS, atual Ipasea, e inaugurado em 1957, na gestão do Dr. Plínio Ramos Coelho, foi um dos primeiros conjuntos residenciais de Manaus. Localizado entre a Praça General Carneiro e Av. Castelo Branco.

O conjunto, formado de 10 blocos, contém quatro apartamentos cada um. Sua construção foi planejada pelo engenheiro italiano Dr. Mauro Lippi, o mesmo autor da Igreja de Fátima (Praça 14).

Contou-nos um morador que no dia da inauguração do conjunto fez-se presente, o Excelentíssimo Senhor Juscelino Kubitschek — Presidente da República, a fim de tomar parte

do evento. Durante a programação o Governador do Estado, Dr. Plínio Ramos Coelho, sorteou quatro apartamentos a populares presentes. Os 36 restantes foram comprados pelo Departamento de Estrada de Rodagem do Amazonas — DER-Am, para seus funcionários, por 18 mil cruzeiros velhos. Estes seriam pagos em 20 anos.

VILA MAMÃO

Há 40 anos aproximadamente a Vila Mamão era apenas um caminho, ladeira íngreme, sucada pela erosão.

No final deste um charco com vasto buritizal e em outro plano, uma área da qual situava-se uma fazenda chamada "Vacaria Amazonas".

As primeiras famílias que lá começaram a residir foram as de D. Nazaré Muquiça, Raimundo Ferreira do Vale, **seo** Adalberto, D. Dalila e **seo** Germano, Isaura e Zulmira Astrogilda Alves.

O nome da Vila surgiu como referência popular a um conhecido motorista apelidado como "Mamão" que morava na entrada desta. O apelido se institucionalizou e até hoje para todos ela é a Vila Mamão.

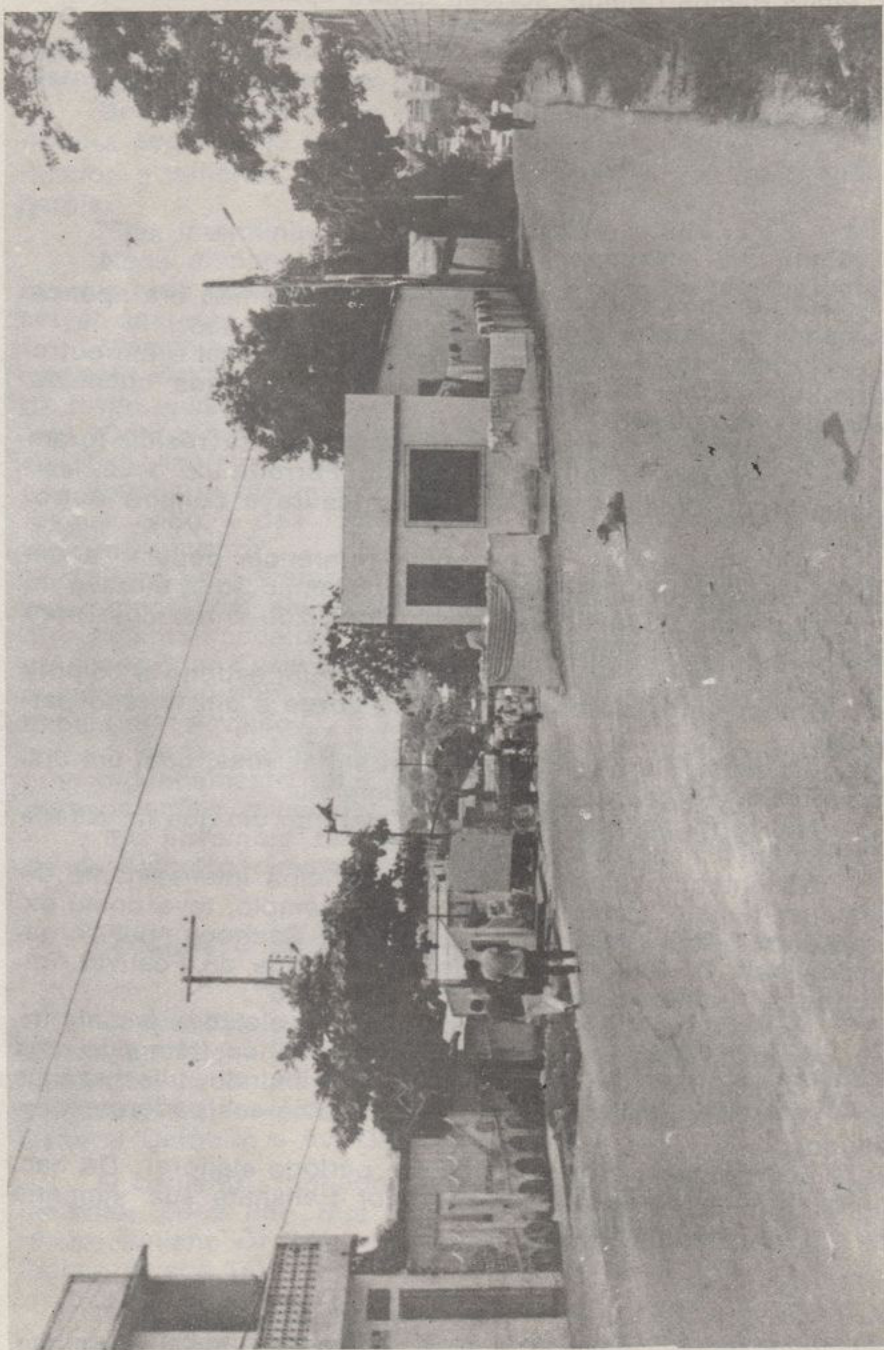
Sua entrada é espremida,formando um estreito e comprido corredor entre o Hospital Adriano Jorge e um terreno particular.

Lá dentro forma um leque com várias ruas, com um universo maior do que se supõe para uma vila.

Nunca foi pacata, mesmo num período em que na cidade era incomum maiores contendas.

No entanto, ruidosa e alegre, participa intensamente de qualquer festejo. Anos passados, por exemplo, teve como expressão a Escola de Samba "Unidos da Cachoeirinha", organizada pela D. Raildes e desde 79 participa do Festival Folclórico de Manaus com o boi bumbá "Gitano".

Na vila, tudo é sempre agitado, das eleições à mais trivial comemoração. Reduto preferido de políticos tem sido uma força considerável neste contexto, contribuindo não apenas com voto, mas com manifestações de apoio aos poderes constituídos.

Para alguns, a maior festa é o período eleitoral. De bandeira, traje e coração cada morador transmite sua simpatia de forma muito festiva.

VILA MAMÃO

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Deoclécio Silva conhecido em todo o bairro como "Médico das Bonecas" fazia consertos de guarda-chuvas e bonecas. Existiu na Cachoeirinha há 18 anos, na esquina da rua Ipixuna com a Waupés (Castelo Branco).

*

Os primeiros ônibus que começaram a circular no bairro, no final dos anos 40, tinham as seguintes nomenclaturas: Periquito de Madame, Perna de Pau e Gilda, na verdade não passavam de caminhões com coberturas.

*

Onze Brilhante – Apoteótico nome de um clube que surgiu no ano de 1933, fundado por Pedro Cristino de Oliveira. Como coqueluche da época o Onze Brilhante destacou-se por seus bailes e intermináveis jogos de roleta e bacará quase sempre terminados em contenda. Foi extinto em 1941. Funcionava na rua Borba com a Manicoré.

*

No decorrer do período inicial de 1951, a Av. Waupés só tinha uma pista asfaltada: a lateral direita no sentido Av. Sete de Setembro/Ipixuna; na outra lateral passava a linha de bondes, muito comum naquela época.

Essa avenida era interrompida por estreitas passagens com igarapés dificultando seu livre acesso. Anos depois, foi aberta em toda sua extensão, sendo necessário a construção de uma ponte para passagem de pedestres.

Algumas Figuras Tradicionais do Bairro

Dona Piedade, portuguesa, proprietária de um comércio na esquina com a Praça Benjamin Constant, hoje Drogaria Natal.

- Aluísio Ferreira, já falecido, proprietário da casa que tinha dois leões no portão.
- Dona Valquíria.
- Dona Paula Rodrigues Souto.
- Dr. Hagge Tobias, já falecido.
- José Luiz de Brito.
- Alice, tacacazeira.

* Pelo Decreto n.º 1, de 20 de fevereiro de 1894, foram dadas as denominações das ruas: Ajuricaba, Antimari, Ayrão, Barcelos, Humaitá, Itacoatiara, Japurá, Manicoré, Maués, Nhamundá, Silves, Tefé e Urucará, do bairro de Cachoeirinha.

* Estão registradas no cadastro da Prefeitura outras ruas e becos, sem oficialização em Lei ou Decreto: Aron Benevides, Artur Cruz, Artur Virgílio, Ayres de Almeida, Belém, Praça Benjamin Constant, Passagem Boa Nova, Beco Ceará,

Beco Celestino, Rua Codajás, Beco do Leite, Martins Santos, Joaquim Ribeiro, Joaquim Tanajura, José Amâncio, João da Mata, Mauã, Moacir Bessa, Beco Nonato, Travessa São José, Santa Rosa, Santa Isabel, Tito Bittencourt, Beco Vitória Régia.

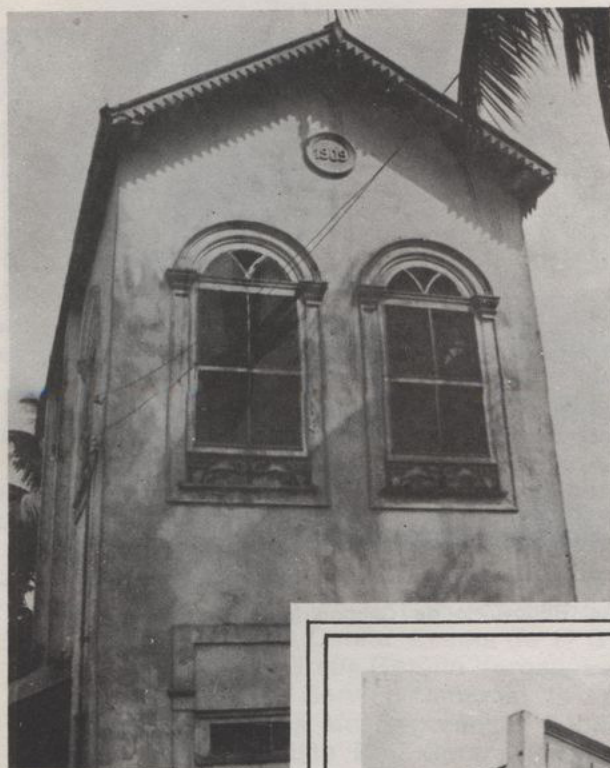
Outras Ruas Oficiais

* Carvalho Leal, Castelo Branco (ex-Waupés), J. Carlos Antony e Parintins (atual Gen José Clarindo).

* A Cachoeirinha foi o primeiro bairro de Manaus a ser servido por uma linha de ônibus, sendo o precursor deste feito Adelelmo Marques, o popular Dedé, com o ônibus "Periquito de Madame", que era, na verdade, um caminhão com cobertura na carroceria e bancos de madeira bem disposicionados. Fazia a linha "Praça Oswaldo Cruz" até a "Curva da Morte". Foi batizado com este nome devido ao sucesso de uma marchinha carnavalesca.

* **Sei-la-se-é** — Parque de diversão existente na rua Ipixuna em 1940. A denominação faz referência a uma música de carnaval que satirizava o nome do rei da Abissínia chamado **Selaiseé**.

* O bairro teve também suas "Pastorinhas" famosas. Seus nomes perderam-se no tempo, registrando-se apenas o de seus organizadores: Thiago Wanderley, Idail e D. Santa Thirelli.

Casas Antigas do Bairro

Fachada

Fachada

Vista do Terminal Rodoviário da Cachoeirinha

Terminal Rodoviário da Cachoeirinha

DADOS TÉCNICOS

Localização — Perímetro suburbano de Manaus.

Limites Considerados: Igarapé da Cachoeirinha, Igarapé do Mestre Chico, Boulevard Álvaro Maia, Rua Paraíba, Rua Belém, Rua Araújo Filho, Igarapé da Cachoeirinha. (*)

Ruas Principais: Av. Castelo Branco, Av. Carvalho Leal, Rua Borba.

População: 28.690 habitantes aproximadamente. (*)

Instituições Sociais: Igreja de Santa Rita, Igreja de Santa Cecília, Capela de Santo Antonio (Pobre Diabo), Escola de 1.º e 2.º Graus Rui Araújo, Escola de 1º Grau Senador Cunha Melo, Escola de 1º Grau Carvalho Leal, Escola de 1º Grau Euclides da Cunha, Escola de 1º Grau 13 de Maio, Escola de 1.º e 2.º Graus Getúlio Vargas, Escola de 1º e 2º Graus Márcio Nery, Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria, Secretaria de Segurança Pública do Estado, Dentel, Colégio Cristo Rei, Centro Social n.º 2 — LBA, Central da Indústria Caseira de Alimento, Inspetoria de Finanças do Exército, Departamento de Distribuição da Eletronorte.

Nomes Recebidos pelo Bairro: Cachoeirinha de Manaus e Cachoeirinha.

Fonte IBGE.

CONCLUSÃO

Este livro é o resultado de uma série de pesquisas e depoimentos, obtidos através de jornais antigos, folhetos, obras históricas, documentos e entrevistas com autoridades e moradores.

Conta a história do bairro, sua inicial urbanização, a influência dos ingleses em alguns de seus importantes monumentos e sobretudo os feitos arrojados de Eduardo Ribeiro como a abertura das primeiras ruas, planificação e edificação.

Descreve também, uma nova Cachoeirinha modificada ao sabor do tempo.

Não foi um trabalho fácil, haja vista a falta de documentos e informações inerentes à época. Contudo, houve um esforço conjunto capaz de satisfazer os âmbitos necessários à conclusão da pesquisa.

O livro está lançado. Resta-nos esperar que seu conteúdo seja de utilidade.

CONCLUSÃO

Este livro é o resultado de uma série de pesquisas e depoimentos, obtidos através de jornais antigos, folhetos, obras históricas, documentos e entrevistas com autoridades e moradores.

Conta a história do bairro, sua inicial urbanização, a influência dos ingleses em alguns de seus importantes monumentos e sobretudo os feitos arrojados de Eduardo Ribeiro como a abertura das primeiras ruas, planificação e edificação.

Descreve também, uma nova Cachoeirinha modificada ao sabor do tempo.

Não foi um trabalho fácil, haja visto a falta de documentos e informações inerentes à época. Contudo, houve um esforço conjunto capaz de satisfazer os âmbitos necessários à conclusão da pesquisa.

O livro está lançado. Resta-nos esperar que seu conteúdo seja de utilidade.

RUA BELÉM
RUA BARCELOS
AV. NHAMUNDÁ
BRANCO
AV CODAJAS
RUA J. CARLOS
LEAL
ANTONY
CHICO
GLICÉRIO
RUA PARINTIN
BORBA
URUCARÁ
MAUÉS
AVENIDA
RUA TEFÉ
MESTRE
CASTELO
AVENIDA ITACOATIARA
CHOEIRINHA
RVALHO
RUA MANICORÉ
DO
GENERAL
AV. COSTA BORBA E SILVA
AVENIDA
CA
DA
RUA STA IZABEL
IGARAPÉ
AVENIDA IPIXUNA
RUA
AVENIDA AJURICABA
AV. HUMAITA
R. ANTIMARÍ
IGARAPÉ DO QUARENTA
IGARAPÉ DOS EDUCANDOS
CACHOEIRINHA
FONTE: IBGE
DES: JÚNIOR

BIBLIOGRAFIA

1 — ÁLBUM do Amazonas, 1901 - 1902. s.l., Ed. F. A. Fidanza, s. d. n.p.

2 — ÁLBUM Municipal de Manáos. Elaborado na administração do Prefeito Araújo Lima, sendo Presidente do Estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigênio de Salles. s.d. s. ed. 1929.

3 — AMAZONAS. Leis, Decretos etc... **Decreto nº 14 de 24 de março de 1926.** Diário Oficial, Manaus, 24 março de 1926.

4 — ARAÚJO, André Vital de. **Sociologia de Manaus:** aspectos de sua aculturação. Manaus, Fundação Cultural do Amazonas, 1973. 341p.

5 — CASTRO, Mavignier de. **Síntese Histórica e Sentimental da Evolução de Manaus.** Manaus, Tip. Fenix, 1948. 225 p. ilust.

6 — DIÁRIO OFFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. Manaus, 10 out. 1931. ano 38, nº 10.907.

7 — ESTA professora é contra o racismo. **A Notícia.** Manaus, 17 jun., 1975. 2ª Caderno. p.6.

8 — FIGUEIREDO, Heitor. **Anuário de Manáos, 1913/1914.** Lisboa, Typ. da A. Ed. Ltda, 1913.

9 — INFORMATIVO "O Pedal". Rio de Janeiro, 15 abr., 1950.

10 — ITINERÁRIO dos bondes para a Feira da Cachoeirinha. **Diário Folha do Amazonas.** Manaus, 16 out., 1914. (Fotograma nª 03 Rolo nº 08).

11 — LIVRO de Registro dos Bens Patrimoniais do Estado. Grupo Escolar Carvalho Leal; discriminação da escritura, folha nº 61. (Fotograma nº 16 / Rolo nº 16)

12 — LIVRO de Registro dos Bens Patrimoniais do Estado. Grupo Escolar Euclides da Cunha; discriminação da escritura, folha nº 33. (Fotograma nº 76 / Rolo nº 16)

13 — MANAUS. Prefeitura Municipal. **Manaus;** organização na administração do Prof. Snr. Antonio Botelho Maia, s.n.t.

14 — MONTEIRO Mário Ypiranga. Roteiro Histórico de Manaus. **A CRITICA.** Manaus, 14 nov., 1969.

Governo:
AMAZONINO
MENDES

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura